## Património Arqueológico

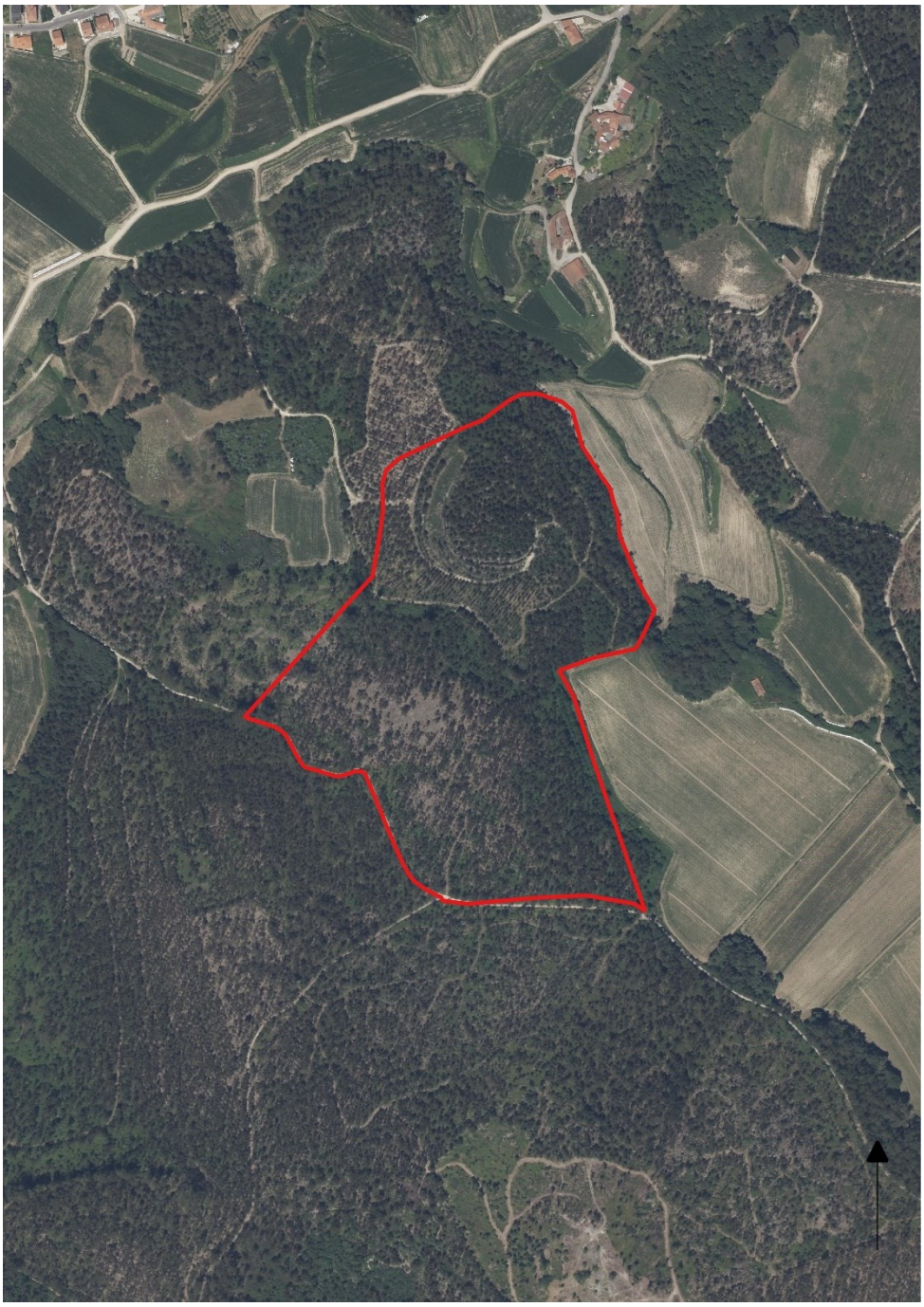
## Freguesias


1. Arcos ..... 5
2. Árvore ..... 13
3. Aveleda
4. Azurara ..... 17
5. Bagunte ..... 21
6. Canidelo ..... 31
7. Fajozes
8. Ferreiró ..... 45
9. Fornelo ..... 49
10. Gião
11. Guilhabreu ..... 55
12. Junqueira ..... 67
13. Labruge ..... 73
14. Macieira da Maia ..... 79
15. Malta ..... 91
16. Mindelo ..... 95
17. Modivas ..... 103
18. Mosteiró ..... 113
19. Outeiro Maior ..... 119
20. Parada
21. Retorta ..... 125
22. Rio Mau ..... 129
23. Tougues ..... 139
24. Touguinha ..... 143
25. Touguinhó
26. Vairão ..... 149
27. Vila Chã ..... 161
28. Vila do Conde ..... 171
29. Vilar ..... 187
30. Vilar do Pinheiro

**Freguesia:** **Arcos**

**Referência:** **1**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 1.1 | Castelo de Argifonso | Alto dos Caramouchos/ Altos dos Castelos | A |
| 1.2 | Castro de Casais | Casais | B |
| 1.3 | Ponte de São Miguel | Ponte | B |



**Coordenadas:** X: -43818, Y: 191194 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/4 000

**Designação:** Castelo de Argifonso **Ref.1.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Arcos** – Lugar: Alto dos Caramouchos/ Alto dos Castelos

**Cronologia:** Período Galaico Romano e Idade Média

## Vestígio:

Castelo de Argifonso

O denominado "castro de argifonso" está situado num pequeno outeiro conhecido por Caramouchos e por Alto dos Castelos, numa cota que ronda os 120m de altitude. Está situado a nordeste da Cividade de Bagunte, a meio caminho entre esta e o castro de Casais, numa situação geográfica que lhe permite dominar o vale do rio Este e comunicar, visualmente, com uma série de povoados localizados mais para poente norte.

A ajuizar por algumas cerâmicas da Idade do Ferro aqui encontradas, este pequeno outeiro teve uma ocupação, cujas dimensões e estruturas desconhecemos em absoluto, mas não tanto a sua cronologia já que, juntamente com as cerâmicas típicas de um castro da ponta final da Cultura Castreja, também há fragmentos de tégulas, ou seja, também estão ali, presentes, sintomas de romanização.

Independentemente de ter sido um pequeno povoado da Idade do Ferro, possivelmente subsidiário da Cividade de Bagunte, tal como o de Casais, este pequeno outeiro foi usado no período da Reconquista como castelo roqueiro. Em prol desta afirmação estão os penedos que ainda subsistem no local, sítio assaz destruído e florestado em excesso e sobretudo as referências documentais que a ele se referem. O mais antigo, que data de 985, vem mencionado como castro - …in loco predictu fiqueirola suptos castro argefonsi discurrentis ribulus ave… - num documento que pertenceu ao mosteiro de Moreira. Interessante é o facto do sítio documentado como fiqueirola corresponder atualmente a Figueiró de Cimo, ou de Baixo, uma extensa área de cultivo, situado nas cercanias do rio Ave e de Carcavelos, topónimo que indicia uma zona de prédios rústicos delimitados, possivelmente, por um valado, embora haja quem veja neste uma reminiscência céltica e até árabe.

Esta área de produção agrícola encontra-se precisamente no vale oposto àquele onde se encontra o outeiro do castro de Argifonso e a relação visual entre os dois sítios é inexistente, pelo facto haver de permeio o monte onde está a Cividade de Bagunte. Concordantes com a opinião de Carlos A. Ferreira de Almeida, este pequeno outeiro, onde houve um castro, foi tomado como referencial documental, a partir do momento em que no seio das suas penedias foi estruturado um castelo roqueiro em tempos de Reconquista.

Deste castelo roqueiro não conhecemos nada mais que as referências documentais. Não passou, certamente, de um local de refúgio, mais ou menos permanente, nos períodos mais conturbados da Reconquista desta região. Dele, subsistem algumas fragas e talvez algumas cerâmicas, caso seja possível vislumbrar entre o mato e a densa vegetação que quase sempre cobre o local. Talvez, também lhe pertença um vislumbre de muralha que se percebe no meio do matagal.

Em 1078 Froila Crescones, senhor ou tenens deste castelo, jazia enfermo naquele local. A primeira referência documental, enquanto possível proto castelo, ocorre em 985 e a última data de 1177.

## Bibliografia:


ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - Castelogia Medieval de Entre Douro e Minho, policopiado, FLUP, 1978;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro, Brochado de - Alguns apontamentos sobre a Cividade de Bagunte, in Portugália, N/S, Vol. XXXVI, Porto, 2015, 49-62.

AMARAL, Luis Carlos - O Povoamento da Terra Bracarense durante o século X, in Revista da Faculdade de Letras, III Série, Vol. 10, Porto, 2000, 113-127;

AYRES, Cristovam - História orgânica a política do exército português, Lisboa, 1896;

AZEVEDO, Rui Pinto de - A expedição de Almamçor a Santiago de Compostela em 997 e a de piratas normandos à Galiza em 1015-16, in Revista Portuguesa de História, Fa.C. Letras da Un. Coimbra, T. XIV, 1974, 73-93;

BARROCA, Mário Jorge - Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (Século IX a XI), in Portugália, N/S, Vol. XXV, Porto, 2004;

BARROCA, Mário Jorge, *Prope Litore Maris: o sistema defensivo da orla litoral da Diocese do Porto (Séc. IX-XII)*, in "Um poder entre poderes : nos 900 anos da restauração da diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense", edição CEHR – Faculdade de Teologia – Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2017, 199-243;

CARVALHO, Helena Paula - O Povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis, tese de doutoramento, Universidade do Minho, 2008;

CORTEZ, Russel - El Castro de Argifonso (vila do Conde), in Archivo Español de Arqueologia, Vol. XV, Madrid, 1947;
CORTEZ, F. Russel - Restos Arqueológicos de Vila do Conde, in Trabalhos de Antropologia e de Etnologia, Vol. XII, Porto, 1950;
CORTEZ, F. Russel- *Restos Arqueológicos de Vila do Conde, I, O Castro de Argifonso*, "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", vol. XII, Porto, p. 5-23.
DINIS, António Pereira - Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio a.C., tese de mestrado, FLUP, 1993;
QUEIROGA, Francisco - War and Castros, London, 1992;
PINHO, Jorge Manuel Rocha de Araújo - O I milénio aC e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave, tese de mestrado, Univ. Lisboa, 2009;
PIRES, Hélio - Nem Tui, nem Gibraltar: Ólafr Haraldsson e a Península Ibérica, in En la España Medieval, Univ. Complutense, Vol. 38, 2015, 313-328;
SAMPAIO, Alberto - Estudos Históricos e Económicos, I , as Villas do Norte de Portugal, Editorial Vega, Lisboa, 1ª edição, 1899-1903;
SARMENTO, F. Martins - Dispersos, Coimbra, 1933;
SILVA, Armando Coelho Ferreira da - Os Castros do Norte de Portugal, Paços de Ferreira, 1986;
TEIXEIRA, Carlos et alii - Carta Geológica de Portugal, folha 9-A, Lisboa, 1965;



**Coordenadas:** X: -44272, Y: 191723 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Castro de Casais **Ref.** **1.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Arcos** – Lugar: Casais

**Cronologia:** Período Galaico-Romano

**Vestígio:**

Castro

Este antigo povoado da Idade do Ferro está situado sobre uma pequena colina sobranceira ao curso do rio Este, cuja cota é de 85m. Está muito destruído por pedreiras, pela vegetação arbórea que cobre o que ainda resta do velho povoado e ainda pelos campos agrícolas e casas de habitação que já invadiram parcelas do seu perímetro. Parece ter tido, pelo menos, duas ordens de muralhas.

Da sua vivência habitacional restam alguns fragmentos cerâmicos típicos da olaria castreja.

**Material:**

Cerâmica castreja, fragmentada, sendo um decorado.

**Bibliografia:**

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - O Concelho de Vila do Conde - Análise Histórico-Arqueológica, PDM de Vila Conde, policopiado, Vila do Conde, 1991;
CARVALHO, Helena Paula - O Povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis, tese de doutoramento, Universidade do Minho, 2008;
DINIS, António Pereira - Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio a.C., tese de mestrado, FLUP, 1993;
PINHO, Jorge Manuel Rocha de Araújo - O I milénio aC e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave, tese de mestrado, Universidade de Lisboa, 2009;
SILVA, Armando Coelho Ferreira da - Os Castros do Norte de Portugal, 2ª edição, Paços de Ferreira, 2007.



**Coordenadas:** X: -44636, Y: 191675 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Ponte de São Miguel **Ref.1.3**

**Tipo:** B

**Localização:** **Arcos** – Lugar: Ponte

**Cronologia:** Idade Média

**CNS:** 2014

## Vestígio:

Ponte Medieval

Esta ponte, que está na origem do topónimo da freguesia, deve ter tido uma antecedente romana, ou no mínimo alto-medieval, da qual não restam vestígios, pelo menos visíveis. Foi levantada sobre o rio Este e serviu desde o seu começo um itinerário que ligava Cale (Porto na atualidade), por Rates, à Barca do Lago, a Barcelos e a Ponte de Lima. Foi, provavelmente, em todo ou em parte, um itinerário romano e seguramente um caminho medievo ligado às peregrinações a Sãcaxinaso Tiago de Compostela. O abade que redigiu o texto sobre esta freguesia para as Memórias Paroquiais de 1758 descreveu a ponte da seguinte maneira: "*Tem hua ponte de cantaria muito bem feita no meio da freguezia chamada a ponte de Arcos, por onde passa a estrada que vem do Porto para Barcellos e Vianna*".

A ponte é de estilo românico, tendo sido construída no século XII, durante o reinado de D. Afonso Henriques.

Esta ponte tem três arcos de volta perfeita de desigual amplitude, sendo o central o de maior envergadura. A proteger os fundamentos do arco central há a montante dois talhamares triangulares e no lado oposto, a jusante, outros dois de formato retangular.

Os paramentos, tais como os arcos, são feitos com silhares de granito com acabamentos diferentes. Enquanto os arcos foram feitos com pedras retangulares de bom recorte técnico, os que formam o extradorso e demais enchimentos, apesar de dispostos em fiadas tendencialmente niveladas, mostram pouco cuidado no seu acabamento.

A ponte, que tem um cavalete pouco pronunciado disposto em duas rampas, possui ainda umas guardas em cantaria, sendo que o pavimento atual, não é o original. O primitivo deve ter sido construído em meados do século XIV pois por essa altura Rui Martins Boilouro, cavaleiro da Maia, deixava em testamento 40 soldos para se fazerem os peitoris da mesma: "…*mando à ponte de Arcos para fazerem os peitoris 40 soldos*…".

## Bibliografia:


ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - *Vias medievais no Entre Douro e Minho*, FLUP, policopiado, 1968;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - *Via Veteris. Antiga Via Romana*? in Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, III, Guimarães, 1980;

CAPELA, José Viriato - *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758,* Braga, 2009;

FREITAS, Eugénio da Cunha e - *Vila do Conde. 2. História e Património*, in Cadernos, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001;

RIBEIRO, Aníbal Soares - *Pontes Antigas Classificadas*, Lisboa, 1998.

**Freguesia:** **Árvore**

**Referência:** **2**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 2.1 | Habitat romano | Areia | B |
| 2.2 | Altar votivo romano | Loureiro | B |
| 2.3 | Pré-História Recente, Habitat romano e medieval | Quintã | B |
| 2.4 | Habitat romano | Quinta da Faísca | B |



**Coordenadas:** X: -49947, Y: 185170 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Habitat romano **Ref.** **2.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Árvore** – Lugar: Areia

**Cronologia:** Período Romano

**Vestígio:**

Habitat romano

No lugar da Areia, numa área densamente construída, mas onde ainda resta uma zona florestal, é possível encontrar-se fragmentos cerâmicos, nomeadamente tégulas, que sugerem a presença de um habitat de época romana. Não muito longe passa o ribeiro da Granja, que desagua na margem sul do rio Ave, junto à sua foz. Está situada numa zona com uma ligeira inclinação, com boa exposição solar e próximo de zonas agrícolas de boa qualidade, ideias para a implantação de uma casa agrícola.




**Coordenadas:** X: -48963, Y: 185650 (ETRS89 - Transverse Mercator) e X: -48871, Y: 185658 (ETRS89 - Transverse Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Altar votivo romano **Ref.** **2.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Árvore** – Lugar: Loureiro

**Cronologia:** Período Romano

**Vestígio:**

Altar votivo romano

No jardim, situado nas traseiras da casa nº 21-23 da Rua do Loureiro, situada no lugar com o mesmo nome, foi encontrada em data inserta uma ara votiva, completa, epigrafada e em bom estado de conservação. Esta já era conhecida dos avós dos atuais proprietários, sem que se tenham apercebido da sua função, cronologia, ou interesse patrimonial. Encontrava-se no jardim como peça decorativa, por ter uma forma e um trabalho singulares. Foram os atuais proprietários que procuram determinar o que seria, comunicando a sua existência ao Serviço Municipal de Arqueologia, em agosto de 2025.

A Ara é feita em granito de grão médio. A sua base é quadrangular, mais larga que o fuste epigrafado, numa das faces, fazendo a transição para o mesmo por meio de um chanfro oblíquo visível em todos os lados. As faces do fuste, esguio, são regulares e bem aparelhadas, o que permitiu a gravação da inscrição, ainda hoje legível. A passagem para o capitel, também ele mais largo que o fuste, é feito por uma moldura que percorre as suas quatro faces. A ara é coroada por duas volutas, voltadas para o interior, deixando no meio espaço para o *foculus*, perfeitamente preservado e bem definido.

A área envolvente é uma área onde há alternância entre casas, quintais e zonas agrícolas, distando cerca de 250m, em linha reta, da Igreja de Árvore.

Uma vez que a peça apareceu sem contexto é difícil de determinar de onde será proveniente, mas os terrenos envolventes têm uma excelente exposição solar, terrenos agrícolas de qualidade, bem como demais características de uma zona propícia a ter sido ocupada por uma casa agrícola do período romano.

Leitura:

UIRIOUEI
GO CAETRONIUS
RUFI
UOTUM SOLUIT
: LIBENS

**Coleção:**

Particular

**Bibliografia:**

Inédito



**Coordenadas:** X: -49301, Y: 185529 (ETRS89 - Transverse Mercator) e X: -49251, Y: 185553 (ETRS89 - Transverse Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Pré-História Recente, Habitat Romano e Medieval **Ref.** **2.3**

**Tipo:** B

**Localização:** **Árvore** – Lugar: Quintã

**Cronologia:** Idade do Bronze, Período Romano, Idade Média

**CNS:** 23245

**Vestígio:**

Habitat romano

Numa plataforma de ocupação agrícola marginal à Linha de Metro do Porto, junto à área de inserção da passagem inferior rodoviária, foram detetados vestígios de ocupação que vão desde a Idade do Bronze à Idade Média. Quanto ao Bronze Pleno, foram identificados vários buracos de poste e recolhido espólio cerâmico, do período romano, foram identificados três muros, uma vala e buracos de poste, bem como uma grande quantidade de material cerâmico e alguns vidros. A fase da época medieval é a mais bem documentada, estando relacionada com oito fossas detríticas onde ao espólio medieval se somou material de cronologia romana. É igualmente de referir a exumação, mais uma vez em contextos de deposição secundária, de alguns seixos talhados possivelmente de cronologia paleolítica.

**Bibliografia:**

Inédito



**Coordenadas:** X: -49238, Y: 185190 (ETRS89 - Transverse Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Habitat romano **Ref.** **2.4**

**Tipo:** B

**Localização:** **Árvore** – Lugar: Quinta Faísca

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 23246

**Vestígio:**

Habitat romano

Aquando da duplicação da linha Porto Póvoa de Varzim e construção da estação da Varziela, numa plataforma de ocupação agrícola marginal à Linha de Metro do Porto, junto à Quinta da Faísca oram detetados vestígios de ocupação do período romano. Foi recolhido espólio do período romano.

**Bibliografia:**

Inédito

**Freguesia:** **Azurara**

**Referência: 4**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 4.1 | Área Arqueológica de Corgo Pindelo | Corgo | B |
| 4.2 | Área Arqueológica do Convento de Nossa Senhora dos Anjos | Convento de Nossa Senhora dos Anjos | B |



**Coordenadas:** X: -49881, Y: 186152 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Área Arqueológica de Corgo Pindelo **Ref.4.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Azurara** – Lugar: Corgo

**Cronologia:** Pré-História Recente e Habitat Romano

**CNS:** 22037

**Vestígio:**

Descoberta na sequência das obras de alargamento da via-férrea, tendo em vista a instalação da linha de Metro esta importantíssima estação arqueológica foi escavada ao longo de vários anos num projeto conjunto da Empresa de Metro do Porto e do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde.

Trata-se de um povoado extensa e cuidadosamente escavado, com uma longuíssima cronologia que vai do Calcolítico à Idade do Bronze. Foram reconhecidas estruturas habitacionais baseadas em postes de madeira, bem como estruturas defensivas do tipo paliçada.

Como é típico da região, no que concerne aos povoados do período Calcolítico, esta estação arqueológica caracteriza-se pela grande abundância de silos escavados na alterite de granito

Nestes silos forma registadas utilizações muito diferenciadas, mas sempre relacionadas com atividades quotidianas.

O que é de esperar da área intacta é que ali se encontrem mais silos e sobretudos os silos que se encontram relacionados com práticas funerárias.

Na zona poente do plateau encontraram-se vestígios de uma estrutura agrícola de uma *Villa* Romana datada por uma moeda de finais do século III, inícios do século IV, do imperador Constantino.

Estes vestígios estavam associados a materiais cerâmicos de excelente qualidade não roladas, o que faz supor estarmos perante o que chamaríamos hoje um quinteiro, um espaço a céu aberto, onde se lançavam detritos e se mantinha a criação animal, de tempos a tempos coberto com mato cortado que era depois utilizado como estrume nas culturas.

Na área foi possível identificar alguns negativos de muros traçados com cuidado e escavados no saibro.

Estes achados criam a expectativa de, na envolvente não construída, se poderem encontrar vestígios da parte habitacional da *Villa* referida na documentação medieval como Villa Pinitelus cuja raiz é (sabemos agora de forma segura) romana.

Para além dos valores indiciados existe também um elemento digno de memória pelo papel que teve no período inicial da revolução das comunicações e pela qualidade arquitetónica do edifício. Referimo-nos ao edifício do Posto Retransmissor da RDP em Azurara que se encontra dentro da área de interesse arqueológico.

**Material:**

Cerâmica calcolítica; cerâmica da Idade do Bronze; instrumentos líticos; cerâmica romana (utilitária e de construção); moeda romana.

**Bibliografia:**

BOTELHO, IVA, O sítio do corgo. uma estação da idade do bronze em Vila do Conde, in Arqueologia em Portugal. 150 anos., Associação dos Arqueólogos Portugueses, Coordenação de José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves; Lisboa 2013, 581-589;

BETTENCOURT, Ana M. S., Vila do Conde na Pré-história Recente. Vila do Conde. Tempo e Território. Vila do Conde: Câmara Municipal, 46-59.". 2013.




**Coordenadas:** X: -50469, Y: 185918 (ETRS89- Transverse Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Área Arqueológica do Convento de Nossa Senhora dos Anjos **Ref.4.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Azurara** – Lugar: Convento de Nossa Senhora dos Anjos

**Cronologia:** Pré-História Recente

**Vestígio:**

Este sítio arqueológico foi descoberto na sequência de sondagens arqueológicas realizadas no contexto de um projeto de construção de um edifício de serviços e da reabilitação de edifício pertencente ao antigo Convento de Nossa Senhora dos Anjos, também conhecido por Igreja de São Francisco de Azurara, ou Igreja de S. Donato.

Numa primeira fase, as sondagens arqueológicas realizaram-se no amplo terreno agrícola que desenvolve, em vários patamares, a Sul e a Este do antigo edifício conventual. Aí foram encontradas estruturas em negativo (fossas) com cerâmicas compatíveis com a Pré-História Recente. Estes contextos espalham-se um pouco por toda a área sondada.

Numa segunda fase foi sondada arqueologicamente a zona interior do antigo Convento, bem como a área exterior contígua ao mesmo. Nestas sondagens apareceram enterramentos compatíveis com a utilização deste espaço como área conventual. Também foi alargada a área sondada na área agrícola. Nesta expansão, numa zona relativamente próxima ao atual cemitério, foram encontrados contextos funerários enquadráveis no século XIX, podendo ser uma zona abandonada do atual cemitério, ou uma fase de transição entre as práticas funerárias pré e pós legislação de saúde pública, impostas após o decreto de 21 de setembro de 1835.

Parte do espaço, o que pertence ao antigo Convento de Nossa Senhora dos Anjos, já foi alvo de prospeção geofísica, tendo sido detetadas anomalias que, vieram a ser confirmadas como tendo interesse arqueológico.

**Material:**

Cerâmica da Idade do Bronze; instrumentos líticos talhados; mós manuais; enterramentos relacionados com o funcionamento do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, bem como enterramentos do século XIX, previsivelmente associados à implementação de leis e decretos relacionados com saúde pública, impostas após o decreto de 21 de setembro de 1835.

**Bibliografia:**

RAIMUNDO, Francisco, PEREIRO, Tiago, CARVALHO, José, Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos - Construção de Edifício de Serviços e Reabilitação de Edifício pertencente ao Convento de São Francisco, ERA Arqueologia, S.A. (2023).

**Freguesia: Bagunte**

**Referência: 5**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 5.1 | Castro e Cividade de Bagunte | Corvos/ Monte da Cividade | A |
| 5.2 | Castro de Santagões | Santagões | A |
| 5.3 | Habitat e Necrópole de Vila Verde | Vila Verde | B |
| 5.4 | Sepultura cavada na rocha | Corvos | A |
| 5.5 | Habitat Romano | Casal de Baixo | B |
| 5.6 | Ponte D. Zameiro e Azenhas e Pesqueiras | Ponte D. Zameiro | B |



**Coordenadas:** X: -43697, Y: 190571 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Legenda:** Zona Geral de Proteção | Zona Especial de Proteção | //// Zona *Non Aedificandi*

**Designação:** Castro e Cividade de Bagunte **Ref.** **5.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Bagunte** – Lugar: Corvos/Monte da Cividade

**Cronologia:** Período Galaico-Romano / Idade Média

**CNS:** 184

## Vestígio:

Cividade de Bagunte

A Cividade de Bagunte é um grande povoado, que funcionou como lugar central, que está localizado num monte com ótima visibilidade para os territórios situados a norte e a sul do rio Ave. A sua posição geográfica permite-lhe ter um contacto visual com o Castro de Alvarelhos, a sul, e com a Cividade de Terroso, a norte. Já na ponta final do século XIX mereceu o interesse de arqueólogos como Ricardo Severo e Martins Sarmento e na década de 40 da centúria seguinte de F. Russel Cortez. Sobretudo este realizou ali algumas campanhas de escavações que puseram a descoberto, parte do sistema defensivo, um misto de construções castrejas e romanas, distribuídas por espaços ortogonais, que já têm a chancela da influência romana na região.

A reorganização urbana do povoado aconteceu na segunda metade do século I, na dinastia Flávia. No espólio recolhido e conservado merece destaque o conjunto de cinco torques de prata, uma pátera em bronze de fabrico tardo-romano e um razoável número de fragmentos cerâmicos de origem indígena (castreja) e romana. Nestes o destaque vai para uns cadinhos usados na metalurgia, para as cerâmicas de importação como ânforas e sigillatas e ainda para uma inscrição, recentemente descoberta, que menciona o nome VIRIVS e ainda para o cabo de uma faca com decoração zoomórfica, hoje com paradeiro desconhecido, mas que Russel Cortez apelidou de "pegadeira visigótica" de uma "patena crismalis".

Os materiais arqueológicos, quase todos provenientes das camadas mais superficiais, apontam para uma cronologia que se situa entre o período La Tène e o fim do Império. O grosso do material situa-se entre o século I a.C. e o II, mas a reorganização urbanística do castro, essa deve ter ocorrido já no período imperial, provavelmente na segunda metade do século I, possivelmente já debaixo da liderança da dinastia Flávia. Esta situação, a ter acontecido assim, não invalida que a vida no castro tenha acontecido muito antes e que depois tenha perdurado muito para lá da falência da cultura Castreja. Não faltam exemplos de povoados, com o Monte Mozinho, o castro de São Lourenço e o Castro de Castelo de Neiva à cabeça, onde no século IV, se conhecem revitalizações da vida urbana, em muitos casos tornados prestadores de serviços daqueles que tinham optado por descer para a planície, quando os efeitos da romanização se começaram a fazer sentir na Gallaecia meridional. Foram encontrados vestígios arquitetónicos, embora ainda ténues, de uma ocupação tardia da Cividade de Bagunte, que poderá entrar pela Alta Idade Média.

Estação arqueológica-modelo do concelho de Vila do Conde, tem vindo a ser recuperada através de programas de intervenção arqueológica promovidos pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal com a colaboração da University of Texas at Austin (EUA).

Recentemente a Câmara Municipal adquiriu uma substancial parte dos terrenos onde o antigo povoado está implantado, e procedeu à elaboração do projeto do Centro de Interpretação da Cividade de Bagunte. Procedeu-se também à desmatação de espécies intrusivas na área classificada do castro, bem como à elaboração de novas plantas topográficas feitas de acordo com as mais adequadas das tecnologias atuais e a estudo de pormenor realizados a partir dos vestígios arqueológicos exumados em recentes escavações feitas na área da acrópole. De realçar aqueles que estão relacionados com a metalurgia, a botânica e zoologia, bem como dos vestígios aderentes presentes em ânforas e outros recipientes encontrados no castro. Procedeu-se igualmente ao estudo das cerâmicas encontradas neste povoado em meados do século XX e que se encontram à guarda do Museu Doutor Mendes Corrêa (Reitoria da Universidade do Porto).

Povoação de grandes dimensões, estava defendida por várias linhas de muralhas, nem todas concêntricas, e um fosso bem visível ainda do lado nascente. Um recente levantamento LiDAR permitiu fazer o mapeamento da sua real dimensão.

As intervenções arqueológicas revelaram compartimentos circulares (pétreos e em saibro) e oblongos, alguns providos de acrescentos, vulgo caranguejos. Também existem compartimentos quadrados e retangulares que se organizam em núcleos habitacionais murados e que vertem para arruamentos ortogonais. A reorganização urbana do povoado aconteceu na segunda metade do século I, com a dinastia Flávia.

O espólio permite definir uma cronologia que se estende desde os séculos VII e V a.C. até ao século V-VI.

## Material:

Torques e Bracelete; Cerâmica Castreja; Cerâmica Romana e Cerâmica Alto-medieval, vidros; metais e instrumentos líticos.

**Classificação Atual:**
Monumento Nacional – DL 16/06/1910

**Coleção:**

Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
Museu do Douro Litoral

**Bibliografia:**


ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, 52-53;
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de — Alguns apontamentos sobre a Cividade de Bagunte – Vila do Conde, Portvgalia, Nova Série, vol. 36, Porto, DCTP-FLUP, 2015, pp. 49-62;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de; MORAIS, Rui; FILIPE, Ana Rita, Materiais arqueológicos da Cividade de Bagunte presentes no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto. Portvgalia, Nova Série, vol. 41, Porto, DCTP-FLUP, 2020, pp. 51-90;

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de – Cerâmica Castreja, in Revista de Guimarães, Vol. LXXXIV (1-4), Guimarães, 1974, 171-197;

ALMEIDA, Pedro Brochado de, A Cividade de Bagunte. O estado atual da investigação, Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, coordenação José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins, Lisboa, 2020, 1141-1152;

CALO LOURIDO, Francisco – A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa, Vol. I, Museo de Pontevedra, Pontevedra, 1994, pág. 112-114;

CAPELA, José Viriato et alii – As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758, Braga, 2009, 711-713;

CORTEZ, F. Russel - Actividade Arqueológica em Portugal durante 1947, in Archivo Español de Arqueologia, Vol. XXI (72), Madrid, 1948, 269-281;

CORTEZ, F. Russel - Objectos de liturgia visigótica, encontrados em Portuga: século V a VII (Alguns elementos para a sua cronologia), in O Instituto, Vol. 114, Coimbra, 1950, 52-92;

COSTA, P.e Carvalho da – Corografia Portuguesa, T. I, Lisboa, 1706, 321-322;

LADRA, L. – Os torques de prata da Cividade de Bagunte, in Estudos Pré-históricos de Viseu, Viseu, 2001, pág.111-112LEAL, Pinho – Portugal Antigo e Moderno, Vol.1, Lisboa, 1873, 307;

LÓPEZ CUEVILLAS, F. – Las Joyas Castreñas, Madrid, 1951, pág. 38-40;

PINTO, António José Nunes - Bronzes Figurativos Romanos de Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, Lisboa, 2002, pág. 355-356.

PINTO, Paulo Costa – O Parque Arqueológico da Cividade de Bagunte. Projeto de Dinamização Cultural da área da Cividade de Bagunte, in Atas Encontros do Património de Vila do Conde, edição Câmara Municipal de Vila do Conde, 2003, 125-159;

SARMENTO, F. Martins- *Os Dispersos*, Coimbra, 1933, 166;

SARMENTO, F. Martins – Antiqua, Apontamentos de Arqueologia, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1999, 290-291;

SEVERO, Ricardo; CARDOSO, Artur – Notícia Arqueológica sobre o Monte da Cividade, in Revista de Guimarães, Vol, III, Guimarães, 1886,137-141;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, 2ª edição, Paços de Ferreira, 2007, 355-356, Est. CXII;

VASCONCELOS, J. Leite de – Extractos da correspondência de F. Martins Sarmento (1881-1883), in O Archeólogo Português, Vol. VI (1-2), Lisboa, 46-47.



**Coordenadas:** X: -46165, Y: 187890 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Castro de Santagões **Ref.** **5.2**

**Tipo:** A

**Localização:** **Bagunte** – Lugar: Santagões

**Cronologia:** Período Galaico–Romano

**CNS:** 3591

**Vestígio:**

Castro agrícola

Esta habitat que pertence à categoria dos "castros agrícolas" está situado próximo ao curso do Rio Ave, a sul do lugar de Santagões. O local é um pequeno outeiro - cota 54m - coberto a eucaliptal e que está nas imediações de um grande espaço agrícola.

O seu sistema defensivo era formado por uma muralha em talude, na base da qual funcionava um fosso que hoje está totalmente atulhado. Era um povoado de diminutas proporções, cujas habitações estavam localizadas na coroa aplanada. A pedra das construções foi desviada para os muros das propriedades vizinhas e até para as casas circundantes. Na coroa encontram-se, por vezes, pequenos fragmentos cerâmicos de fabrico indígena.

A localização do castro permitia-lhe aproveitar as terras agrícolas que chegavam à base do talude e dali vigiar o caminho que está na origem do traçado da via romana secundária (Via Veteris) que atravessava o rio Ave em barca, antes da construção da ponte de D. Zameiro.

**Material:**

Cerâmica castreja e tégula.

**Bibliografia:**


AYRES, C. - História do Exército Português, Lisboa, 1896;

COSTA, A. Carvalho da - Corografia Portuguesa, Vol. III, Lisboa, 1706-1712,166;

DINIS, António P. - Ordenamento do território da bacia do Ave no I milénio AC, tese de mestrado, FLUP, Porto, 1993;

FERREIRA, José - Páginas da História de Bagunte, Vol. I, Bagunte, 2016.

LEAL, Pinho - Portugal Antigo e Moderno, Vol. VIII, 440-441;

QUEIROGA, F. - War and Castros, (tese policopiada) Oxford, 1992, nº 250;

SARMENTO, F. Martins- Os Dispersos, Coimbra, 1933, 165.

SEVERO, Ricardo; CARDOSO, Artur - O Monte da Cividade, in Revista de Guimarães, Vol. III, Guimarães, 1886;

SEVERO, Ricardo - O Ossuário de Ferreiró, “Portugália”, vol. I, Porto, 1903.

SEVERO, Ricardo - Cemitério de Vila Verde, “Portugália”, vol. II, 1905/1907, 426-431;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, 2ª edição, Paços de Ferreira, 2007, 133;



**Coordenadas:** X: -44843, Y: 187299 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Habitat e Necrópole de Vila Verde **Ref.5.3**

**Tipo:** B

**Localização:** **Bagunte** – Lugar: Vila Verde

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 3835

**Vestígio:**

Habitat e Necrópole de Época Romana

Vila Verde é um pequeno núcleo habitacional localizado na parte meridional da freguesia de Bagunte, entre Figueiró de Baixo e o núcleo de moradores da Ponte de Ave. Está implantado no meio de uma extensa área de terrenos arroteados que rodeia o pequeno núcleo de casas de vocação agrícola. Esta mancha estende-se um pouco para sul onde a curta distância corre o rio Ave.

Nos terrenos que encostam a poente e sul do núcleo habitacional é fácil encontrar fragmentos de tégulas, outros de cerâmica comum romana que pertenciam a uma estrutura fundiária de época romana. Desta casa de habitação que, ao que tudo indica, seria uma villa tardo-romana, não há outros sinais que o local e espólio relacionado com o enterramento dos membros da família que ali residia.

A necrópole apareceu no início do século XX, o que permitiu que Ricardo Severo tenha noticiado o aparecimento de um conjunto de sepulturas, sob o título de "Cemitério de Vila Verde", no sítio do Souto. De acordo com este autor os enterramentos apareceram quando se desbravou um terreno com 250m2. Estes tinham sido abertas no saibro e tinham no seu interior pratos, bilhas, oinochoés, copos, argolas de bronze e moedas dos imperadores Galieno (260-268) e Dalmácio (335-337).

**Material:**

Cerâmica comum de época romana (pratos, bilhas, oenochoés, copos, argolas de bronze e numismas de Galieno e Dalmácio).

**Coleção:**

Museu do Douro Litoral.

**Bibliografia:**

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, 51-72;

SEVERO, Ricardo- Cemitério de Vila Verde, “Portugália”, vol. II, 1905/1907, 426-431.



**Coordenadas:** X: -43031, Y: 190666 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Sepultura cavada na rocha **Ref.5.4**

**Tipo:** A

**Localização:** **Bagunte** – Lugar: Corvos

**Cronologia:** Idade Média

**CNS:** 41447

**Vestígio:**

No lugar de Corvos, na base este da Cividade de Bagunte, numa fina zona arborizada entre áreas agrícolas, encontra-se uma zona rochosa que está à superfície. Aí encontra-se uma sepultura rupestre, cavada na rocha, sem tampa, e com sinais de antropomorfismo. Esta sepultura, tanto que é dado a perceber, está isolada e descontextualizada de qualquer tipo de edifício religioso.

Genericamente, esta tipologia de enterramentos está balizada cronologicamente entre os séculos VIII a XII.

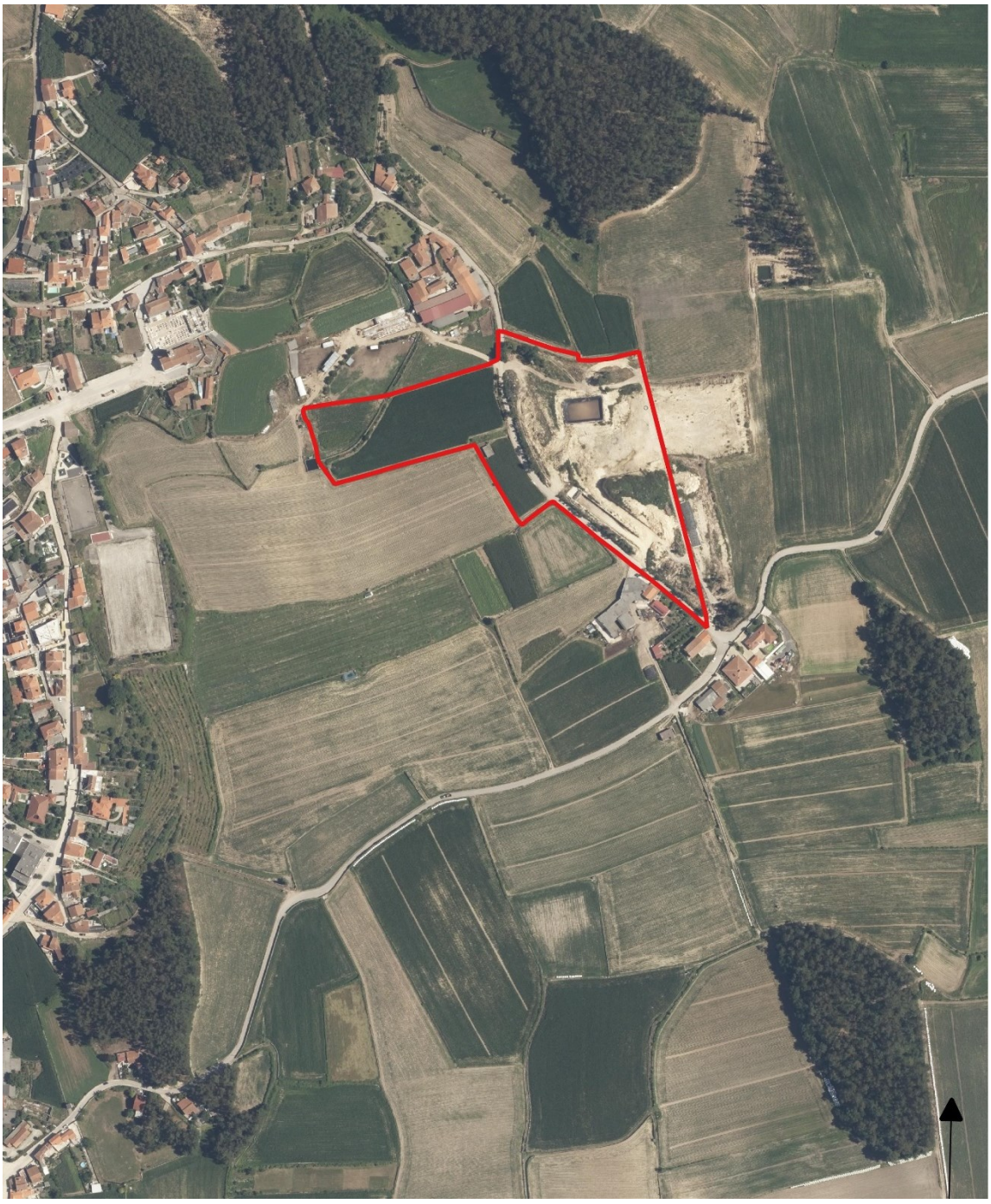
Não muito longe situa-se o Castelo de Argifonso, já em Arcos, onde se ergueu um proto castelo, onde viveu Froila Crescones e que funcionou entre o século X e XII. Potencialmente, ambos os vestígios poderão estar relacionados.

**Material:**

Rocha Granítica.

**Bibliografia:**

Inédito



**Coordenadas:** X:-43799, Y:189183 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/4 000

**Designação:** Habitat Romano **Ref.5.5**

**Tipo:** B

**Localização:** **Bagunte** – Lugar: Casal de Baixo

**Cronologia:** Período Romano

**Vestígio:**

Este sítio está localização na área agrícola que se estende para sul da povoação que nasceu em redor da igreja paroquial. Era uma zona de mato e pinhal, sendo visíveis vestígios relacionados com o mundo tardo-romano no perfil do caminho vicinal que serve aquelas propriedades. Dentre estes vestígios há alguns que indiciam ali ter havido um forno cerâmico e ainda pedra que pode estar relacionada com antigas estruturas habitacionais. Foi severamente afetado pela construção de uma estrutura de apoio agrícola, por volta de 2019.

**Bibliografia:**

Inédito



**Coordenadas:** X:-45882, Y:187054 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Ponte D. Zameiro e Azenhas e pesqueiras **Ref.** **5.6**

**Tipo:** B

**Localização:** **Bagunte/Macieira da Maia** – Lugar: Ponte D. Zameiro

**Cronologia:** Idade Média e Idade Moderna

**Vestígio:**

A Ponte d'Ave, ou Ponte de D. Zameiro como também é conhecida, é uma estrutura viária lançada sobre o rio Ave, entre as atuais freguesias de Bagunte e de Macieira da Maia. Servia a estrada nacional nº 306 até à construção de uma nova ponte sobre o rio Ave que se situa duas centenas de metros mais a jusante.

A ponte atual não é anterior ao século XII, nem na sua estrutura se encontraram, para já, indícios que a possam considerar como obra anterior, por exemplo romana, já que seria neste mesmo sítio, ou muito próximo, que passava a via romana secundária que, pelo litoral, vinha do Porto (Cale) para a atual Galiza: "…*deinde quomodo venit ad Mazanariam, deinde qumodo venit inter ad fluvium Ave*…". Certamente e porque não havia ponte, a travessia far-se-ia de barco, motivo que poderá explicar a presença do topónimo "barco" nas inquirições de 1258 na freguesia de Bagunte ("…*in Barco j leira*…"), a qual não ficava longe do Porto da Ínsua ("…*sub portu de Insula ultra fluvium*…"), uma ilhota que havia e da qual ainda restam resquícios uma meia centena de metros abaixo da ponte e das azenhas que que estão a jusante.

Tanto esta como a ponte de São Miguel de Arcos faziam parte da rede viária de então que, vinda do Porto, atravessava o rio Cávado na Barca do Lago (Esposende), mas que também tinha uma derivação, em São Pedro de Rates, para Barcelos e Ponte de Lima, dando origem a um itinerário que ficou célebre na Idade Média após a descoberta do túmulo de São Tiago em Compostela, no início do século IX.

A ponte começou a ser construída algures no século XII, em data não calibrada, porque em 1185, quando o bispo do Porto D. Fernando Martins fez o seu testamento, esta já estava possivelmente em andamento, porque ele legou à ponte de D. Cemario (Zameiro), algo como cinco módios de pão: "…*V ponti de domno Cemario*…". Para a sua construção contribuíram outros clérigos, nobres e naturalmente os poderes políticos à data instituídos.

De acordo com a Inquirição feita a Bagunte, em 1220, os reis D. Afonso Henriques e D. Sancho I, legaram propriedades que tinham na região para a construção ou manutenção da ponte: "*Habebantur ibi alii campi regalengi de quibus fecerunt ij casalia, et dicunt quod dominus Rex Alfonsus dedit illa ad Pontem de domno Zameiro, et postea Rex domnus Sancius ei illa*…". Estas doações foram posteriormente confirmadas por D. Afonso II e em parte reafirmadas nas Inquirições seguintes, nas de 1258, as de D. Afonsso III: "…*quod illa heremita que vocatur Sancta Cruz, que est in ponte de Zameiro, este ecclesie Sancte Marie de Bogonti, de qua habet magnam forciam et Dominus Rex habet ibi duo casalia que data fuerunt ad faciendum pontem et, pons perfecto, non habet*". Contudo, neste documento acrescentou-se uma novidade. Junto à ponte havia uma ermida dedicada à Santa Cruz. Onde se situava? Não sabemos, mas não nos admiraria que a pequena capela que alberga no interior um cruzeiro de traça românica, junto à de Nossa Senhora da Ajuda seja a sua herdeira.

Como estrutura, a ponte foi uma construção notável para a época e foi obra que demorou, pelo menos, meio século a concluir-se. Para tão longa diacronia apontam as disparidades estilísticas dos arcos e a certeza que, em 1210, ainda se ofereciam donativos para a sua construção: "…*ad ponten de don Zameiro et de dona Goncina I morabitinum*…".

Os seus oito arcos têm dimensão desigual e apesar do assoreamento é claro que os centrais têm maior envergadura que os laterais. Como hoje a vemos é uma ponte compósita, pois aos arcos de feição românica se sucedem os apontados, de matriz gótica, pois enquanto os arcos do lado de Vilarinho/Sabariz já são apontados à boa maneira gótica, os restantes estão mais próximos da volta perfeita, românicos ou mais tardios se aceitarmos que ela foi seriamente remodelada na época moderna e posteriormente mais que uma vez reformada. A proteção dos pilares foi feita recorrendo a talhamares de perfil triangular, colocados a montante e que são apoiados, no lado oposto, por talhantes de secção quadrangular, o que não impediu que a ponte sofresse sérios revezes, por mais que uma vez, motivados pelo caudal das águas, sobretudo nas invernias mais rigorosas. A última acorreu já no século XXI, levando à ruína a parte da ponte situada do lado meridional, ou seja, do lado de Macieira. Também é evidente que o talhamar do lado de Bagunte já está em terra, bem como um pequeno arco de descarga, o que significa que, inicialmente, o rio tinha uma largura bem mais avantajada que a atual e com os tempos a sua margem setentrional sofreu os efeitos gravosos do assoreamento.

O tabuleiro tem uma rampa suave, o que está em contradição com os típicos cavaletes duplos das pontes medievas. Está protegido por guardas em cantaria, de silhares mais regulares que os do enchimento, tendo o pavimento original sido substituído no recente restauro. Apesar das muitas intervenções é ainda possível perceber que o aparelho, para além de regular, foi disposto em fiadas regulares, apesar dos silhares estarem muito distantes da uniformidade que uma obra desta envergadura deveria ter. Em contrapartida, as aduelas dos arcos são bastante mais homogéneas, com desenho fino e comprido, o que indicia a sua matriz medieval.

Durante séculos esta ponte foi acarinhada e descrita como uma notável peça de arquitetura. Assim o pensava o abade de Santa Maria de Bagunte quando descreveu o que mais de relevante havia na sua paróquia em meados do século XVIII: "…*na devizão desta freguezia e arcebispado com o bispado do Porto, na estrada que vai para Vianna e mais terras do Norte, tem sobre este ditto rio huma ponte de cantaria bem estabelecida de duzentos passos de comprido em proporcionada largura que consta de outo arcos e alguns delles terão cem palmos de alto*…".

Tão valiosas como a ponte são as pesqueiras e as azenhas localizadas a jusante da ponte, servidas por um açude feito de alvenaria. Todas mostram uma parede arredondada, ou de recorte apontado para montante voltada ao impacto das águas, mas no conjunto há uma que sobressai por força do opus quadratum, isto é, pelo modo como as fiadas de pedras foram alinhadas e dispostas. A pesca neste sítio já está documentada no século XIII, consoante se depreende da leitura da inquirição feita à freguesia de Santa Maria de Bagunte: "…*Martinus Laurencii accepit narseiro de Petra Alba que vocatur pons rio Ave*…".

No caminho da velha estrada romano- medieval, conhecida na documentação medieval por "Via Veteris", a qual fazia a ligação do Porto a Barcelos e Esposende, está a célebre Ponte d´Ave ou D. Zameiro como era referida nas Inquirições à freguesia de Bagunte em 1220, *"quod dominus rex Alfonsus dedit illa ad pontum de domno Zameiro, et postea rex domnus Sancius concessit ei illa".*

A data da sua construção não é conhecida, embora já existisse em 1185, pois o bispo do Porto D. Fernando Martins doara-lhe uma certa quantia, a provar que esta, como outras pontes da época, nasceram da conjugação de esforços públicos e privados com destaque para os testamentos de carácter pio.

Tem esta ponte cerca de 100 m de comprimento por 3,5 m de largura distribuídos por 8 arcos com formato e amplitudes distintas. Da primitiva traça românica quase nada resta pois sofreu várias remodelações ao longo dos séculos, a última das quais no reinado dos Filipes.

**Material:**

Granito

**Bibliografia:**


ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - Via Veteris. Antiga Via Romana? in Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, III, Guimarães, 1980;

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - Vias medievais no Entre Douro e Minho, FLUP, policopiado, 1968;

AZEVEDO, P.e Agostinho de - A Terra da Maia, Porto, 1939;

CAPELA, José Viriato - As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758, Braga, 2009;

CORREIA, José, Cidades e Vilas de Portugal, Março, 1987;

COSTA, P. António Carvalho da - Corografia Portuguesa, 1706;

FERREIRA, Monsenhor Augusto - Vila do Conde e o seu Alfoz. Origens e Monumentos, Porto, 1923;

FREITAS, E. de A da Cunha; GUIMARÃES, Bertino Daciano - Subsídios para uma monografia de Vila do Conde, Porto, 1953;

MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa - Testamenti Ecclesiae Portugaliae /1071-1325), Centro de Estudos de História Religiosa da Univ. Católica Portuguesa, Lisboa, 2010.

NEVES, Joaquim Pacheco - Vila do Conde, 1991;

RIBEIRO, Anibal Soares - Pontes Antigas Classificadas, Lisboa, 1998;

VASCONCELOS, J. A. - Etnografia Portuguesa, Vol. 3, 1942;

VIEIRA, José Augusto - O Minho Pitoresco, Lisboa, 1887;

VITERBO, Francisco Marques de Sousa – Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses, Vol. II, INCM, Lisboa, 1988.

**Freguesia:** **Canidelo**

**Referência:** **6**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 6.1 | Antela das Alminhas | Padrão | A |
| 6.2 | Atalaia de Farilhe | Padrão | B |
| 6.3 | Machados de Pedra Polida | Caracol/ Quinta do Paço | C |
| 6.4 | Lâmina de Sílex | Eirado | C |
| 6.5 | Estatueta de Júpiter | Soutelo | C |
| 6.6 | Túmulos – Capela de São Brás | Igreja e Capela de São Pedro | C |



**Coordenadas:** X: -43397, Y: 183079 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/1 000

**Designação:** Antela das Alminhas **Ref.** **6.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Canidelo** – Lugar: Padrão

**Cronologia:** Pré-Histórico Recente

**CNS:** 1667

**Vestígio:**

Antela das Alminhas.

A Antela das Alminhas está situada no interior de uma bouça, a escassa distância de umas alminhas que ali foram erguidas. Foi escavada em 1905 pelo Abade Sousa Maia. Tem, ainda, bem visível ainda o *tumulus* que era reforçado com pedra miúda.

Da sua escavação, cuja notícia foi dada na revista Portugália de 1905-1907, resultou espólio arqueológico.

**Material:**

A escavação deu o seguinte material:
1 mó manual completa
1 vaso hemisférico
fragmentos de vaso
1 lâmina de quartzo hialino
seixos rolados

**Bibliografia:**

AZEVEDO, P.e Agostinho de - A Terra da Maia, Porto, 1939, 108;

JORGE, Vitor Oliveira - Megalitismo do Norte de Portugal: O Distrito do Porto, Tese doutoramento, policopiado, FLUP, 1982, 487;

MAIA, Abade Sousa- A Necrópole de Canidelo, "Portugália", vol. II, Porto, 1905/1907, 619-625.



**Coordenadas:** X: -43575, Y: 183263 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Atalaia de Farilhe **Ref.6.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Canidelo** – Lugar: Padrão

**Cronologia:** Idade Média

**CNS:** 26417

**Vestígio:**

Atalaia medieval.

A noroeste do lugar de Farilhe, junto da estrada camarária que faz a ligação ao lugar de Carrazedo, em Gião, há um pequeno outeiro coberto a eucaliptal, local que a população considera ter sido moradia dos mouros.

O outeiro tem uma cota de 143m e boa visibilidade para o espaço envolvente e uma relação visual direta com o Castro Boi, em Vairão. O sítio em questão não tem indícios de qualquer espécie de fortificação e os únicos sinais de uma presença humana derivam de fragmentos cerâmicos medievais. No topo há alguma penedia que foi desbastada para cortar pedra.

**Material:**

Cerâmica medieval



**Coordenadas:** X: -42748, Y: 182274 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Machados de Pedra Polida **Ref.6.3**

**Tipo:** C

**Localização:** **Canidelo** – Lugar: Caracol/ Quinta do Paço

**Cronologia:** Pré-História Recente

**CNS:** 20861

**Vestígio:**

Dois machados de pedra polida.

**Material:**

Dois machados de pedra polida de anfibolito e uma enxó, aparecidos em 1906 na Quinta do Paço quando se fazia um desaterro para uma pedreira e em 1905 ao abrir-se uma vala para plantação de uma vinha.

**Coleção:**

Câmara Municipal de Vila do Conde.

**Bibliografia:**

MAIA, Abade Sousa - A Necrópole de Canidelo, "Portugália", vol. II, Porto, 1905, 619-625;

CRUZ, Jesus da; BRITO, Mário - A Colecção Arqueológica do Abade Sousa Maia, "Vila do Conde", N/S, vol. 7, 1991, 5-13



**Coordenadas:** X: -42785, Y: 182692 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Lâmina de Sílex **Ref.6.4**

**Tipo:** C

**Localização:** **Canidelo** – Lugar: Eirado

**Cronologia:** Pré-História Recente

**Vestígio:**

Uma lâmina de sílex aparecido nos inícios do século XX na cortinha que pertencia a. Albino Dias Pereira.

**Coleção:**

Câmara Municipal de Vila do Conde.

**Bibliografia:**

MAIA, Abade Sousa - A Necrópole de Canidelo, "Portugália", vol. II, Porto, 1905, 619-625.

CRUZ, Jesus da; BRITO, Mário - A Colecção Arqueológica do Abade Sousa Maia, "Vila do Conde", N/S, vol. 7, 1991, 5-13



**Coordenadas:** X: -42730, Y: 183403 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Estatueta de Júpiter **Ref.6.5**

**Tipo:** C

**Localização:** **Canidelo** – Lugar: Soutelo

**Cronologia:** Período Romano

**Vestígio:**

Estatueta de Júpiter.

Por volta de 1888, terá aparecido uma estatueta de bronze representando Júpiter. Sabe-se que apareceu numa bouça do lugar de Soutelo. O local em questão é uma bouça onde já foram construídas algumas habitações, junto à Rua de Soutelo.

Segundo Carlos A. Ferreira de Almeida, nesse local apareceram, igualmente tégulas, símbolo de uma ocupação de época romana.

**Material:**

Estatueta em bronze representando Júpiter, o pai dos deuses romanos; tégulas.

**Bibliografia:**


ALARCÃO, Jorge de - Roman Portugal, Vol. II, Warminster, 1988, pág. 18 e 1/339;

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - A Romanização das Terras da Maia, Maia, 1969, 24.

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - Uma cabeça romana de bronze, in Revista da Faculdade de Letras do Porto, Vol. I, Porto, 1970, 77-82;

ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando - Divindades romanas en bronze del Conentus Bracarense, in Bracara Augusta, Vol. 29, Braga, 1975, 145-153;

CORREIA, Virgílio - História de Portugal. Domínio Romano, Vol. I, Barcelos, 1928, pág. 229-263;
VASCONCELOS, J. Leite de - Religiões da Lusitânia, Vol. II, Lisboa, 1906, 329;

FREITAS, Maria Luísa Amaral Varela de - Bronzes Figurativos pré-romanos e romanos, Lisboa, 1987 (policopiado), 98;

MATOS, José Luís Martins de - Subsídios para um catálogo da escultura luso-romana, FUL, Lisboa, 1966 (policopiado);

PINTO, António José Nunes - Bronzes Figurativos Romanos de Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, Lisboa, 2002, 123-125;

SEVERO, Ricardo - Estatueta Romana de Soutelo, “Portugália”, T. I, 1903, 129-130;

VASCONCELOS, J. Leite de - Religiões da Lusitânia, Vol. III, Lisboa, 1913, pág. 227;



**Coordenadas:** X: -42510, Y: 182982 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/6 000

**Designação:** Túmulos – Capela de S. Brás **Ref.6.6**

**Tipo:** C

**Localização:** **Canidelo** – Lugar: Igreja e Capela de S. Brás

**Cronologia:** Idade Média

**Vestígio:**

Túmulos monolíticos.

No passal da Igreja de Canidelo, situado junto ao adro, há um túmulo monolítico, sem tampa, que apareceu nas obras da igreja.

Na Capela de S. Brás, mais concretamente no adro, há mais dois análogos que vieram também da igreja paroquial. Um está decorado com uma cruz patada na cabeceira e ambos possuem orifícios laterais ou aos pés. Apesar de servirem de floreiras, nota-se ainda um leve toque, no interior, de antropomorfismo.

**Material:**

Granito

**Bibliografia:**

BARROCA, Mário Jorge - Necrópoles e sepulturas medievais de entre Douro e Minho, policopiado, FLUP, 1987.

**Freguesia:** **Ferreiró**

**Referência:** **8**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 8.1 | Castro de Ferreiró | Santa Marinha | A |



**Coordenadas:** X: -42231, Y: 186973 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Castro de Ferreiró **Ref.8.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Ferreiró** – Lugar: Santa Marinha

**Cronologia:** Período Galaico-Romano

**Vestígio:**

Castro agrícola.

Sobranceiro ao curso do rio Ave e a curta distância da antiga igreja paroquial de Santa Marinha, há um outeiro, hoje muito descaracterizado por força da extração de pedra, onde está implantado um habitat da Idade do Ferro.

A destruição de uma boa parte da sua área de implantação retira elementos seguros para uma análise mais convicta, todavia, tudo aponta para que ele seja um dos habitats designados por "castros agrícolas". Esta suposição baseia-se no tipo de defesa, em talude, que ainda se conseguia vislumbrar em tempos não muito recuados e na qualidade das terras agrícolas que se estendem para norte e poente do castro e chegam, inclusive, à base do antigo talude.

O espólio encontrado tem-se resumido a cerâmica castreja e tégulas.

Lamentavelmente, a extração de pedra na área do castro, até tempos relativamente recentes, conduziu à quase aniquilação deste habitat da Idade do Ferro.

**Material:**

Cerâmica castreja e tégula.

**Bibliografia:**

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, 51-72;

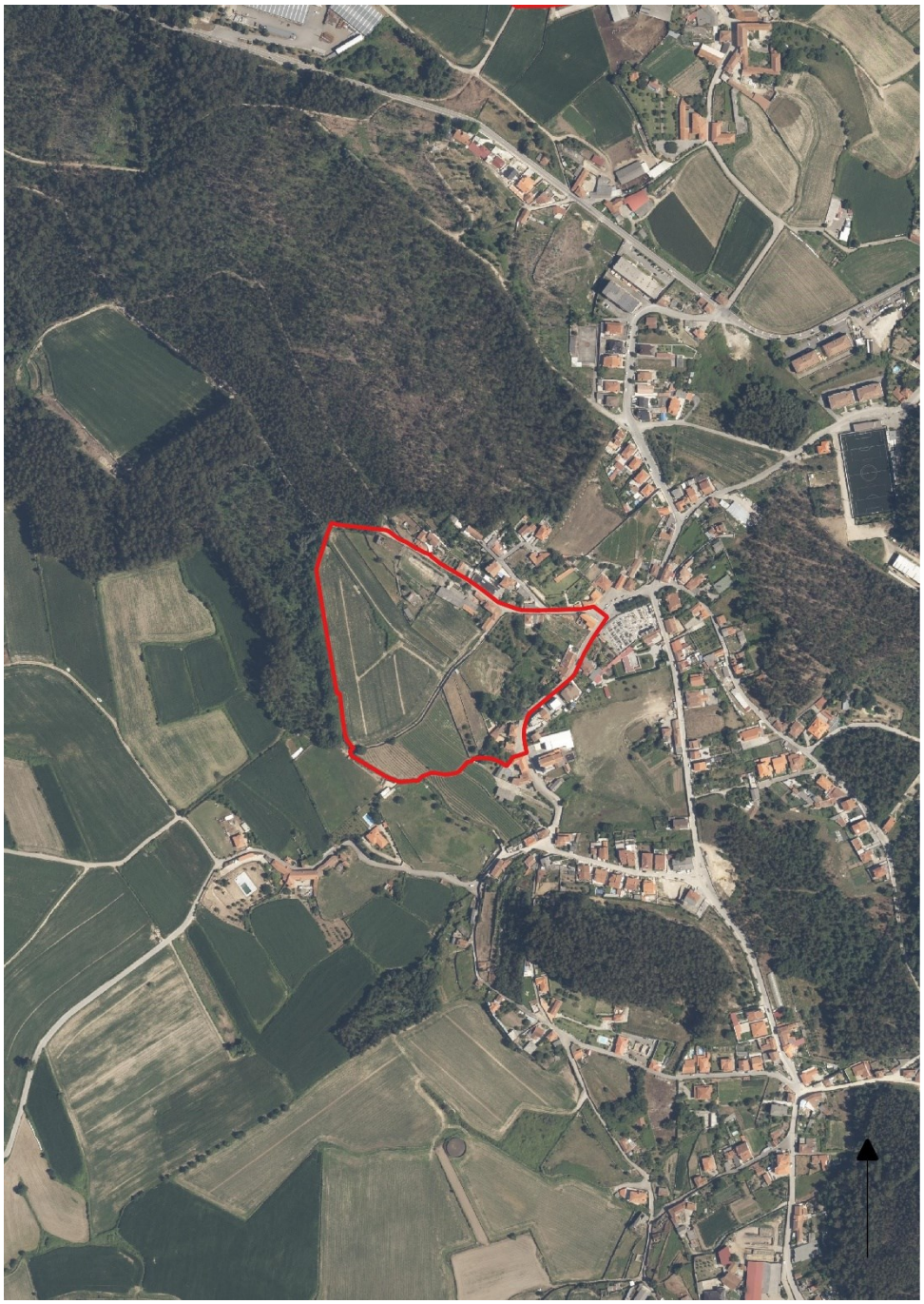
QUEIROGA, F. - War and Castros, (tese policopiada) Oxford, 1992, nº 250.

SILVA, Armando Coelho F. da- *A Cultura Castreja no Noroeste Peninsular*, Paços de Ferreira, 1986, 133.

**Freguesia:** **Fornelo**

**Referência:** **9**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 9.1 | Habitat de Vilas Boas | Igreja | B |
| 9.2 | Machado de pedra polida | Azevedo | C |



**Coordenadas:** X: -43190, Y: 185208 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Habitat de Vilas Boas **Ref.9.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Fornelo** – Lugar: Igreja

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 26424 e 26426

**Vestígio:**

Habitat de época romana.

A Quinta Vilas Boas está a uma centena de metros da igreja paroquial. É uma propriedade murada com bons solos agrícolas e boa exposição solar.

Os vestígios conotados com a Romanização aparecem em alguns dos campos localizados junto de um poço que ali há. São essencialmente tégulas, resquícios de uma mais que provável habitação de cariz agrícola do período da Romanização.

**Material:**

Tégulas.



**Coordenadas:** X: -42179, Y: 185553 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Machado de pedra polida **Ref.9.2**

**Tipo:** C

**Localização:** **Fornelo** – Lugar: Azevedo

**Cronologia:** Pré-História

**CNS:** 20863

**Vestígio:**

Na coleção de peças arqueológicas da Câmara Municipal de Vila do Conde há um machado de pedra polida oriundo do lugar de Azevedo. Foi encontrado à superfície.

Este lugar, que é travessado pela estrada nacional nº 104, estende-se até ao rio Ave, confinado também com a freguesia de Guidões, concelho da Trofa.

**Material:**

Machado de pedra polida.

**Coleção:**

Câmara Municipal de Vila do Conde

**Bibliografia:**

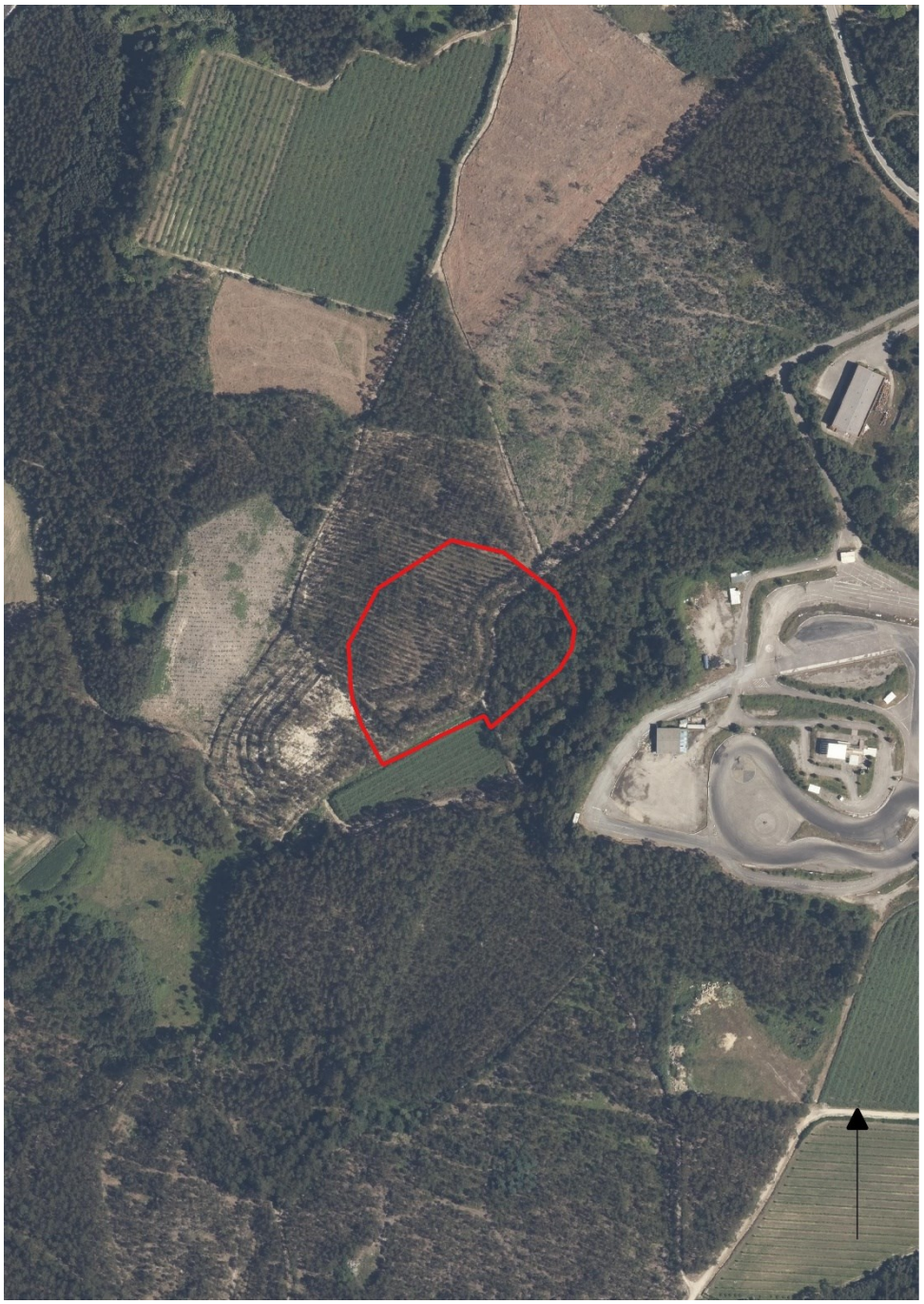
MAIA, Abade Sousa- *A Necrópole de Canidelo*, "Portugália", vol. II, Porto, 1905, 619-625.

CRUZ, Jesus da; BRITO, Mário- *A Colecção Arqueológica do Abade Sousa Maia*, "Vila do Conde", N/S, vol. 7, 1991, 5-13.

**Freguesia: Guilhabreu**

**Referência: 11**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 11.1 | Columbário romano | Paiço | B |
| 11.2 | *Villa* romana/ Altares Votivos/ Necrópole romana | Paiço | B |
| 11.3 | Cerâmicas de época romana | Palmazão | B |



**Coordenadas:** X: -42164, Y: 182033 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Columbário Romano **Ref.11.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Guilhabreu** – Lugar: Paiço

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 20860

## Vestígio:

Columbário de época romana (monumento funerário coletivo de inumação).

Descoberto casualmente na década de 60 do século XX, ao arrancar uma raiz num dia de chuva, este *columbarium* apresentava, no dizer do achador, a forma de um corredor com nichos nas paredes onde se situavam pequenas urnas de cerâmica. O local, abandonado desde então, está entulhado não sendo possível reconhecer quaisquer estruturas. No entanto, um monumento funerário deste tipo, está necessariamente associado a uma ocupação de razoável dimensão. Desconhece-se o destino dado ao espólio aí encontrado.

Esta necrópole, que tinha seis nichos onde foram depositadas as cinzas dos corpos inumados, estará relacionada com a villa de Paiço (Guilhabreu).

## Bibliografia:


VASCONCELOS, José Leite de - Notícias Epigraphicas, in O Archeólogo Português, Vol. XXVII, Lisboa, 1925-1926, pág. 164;

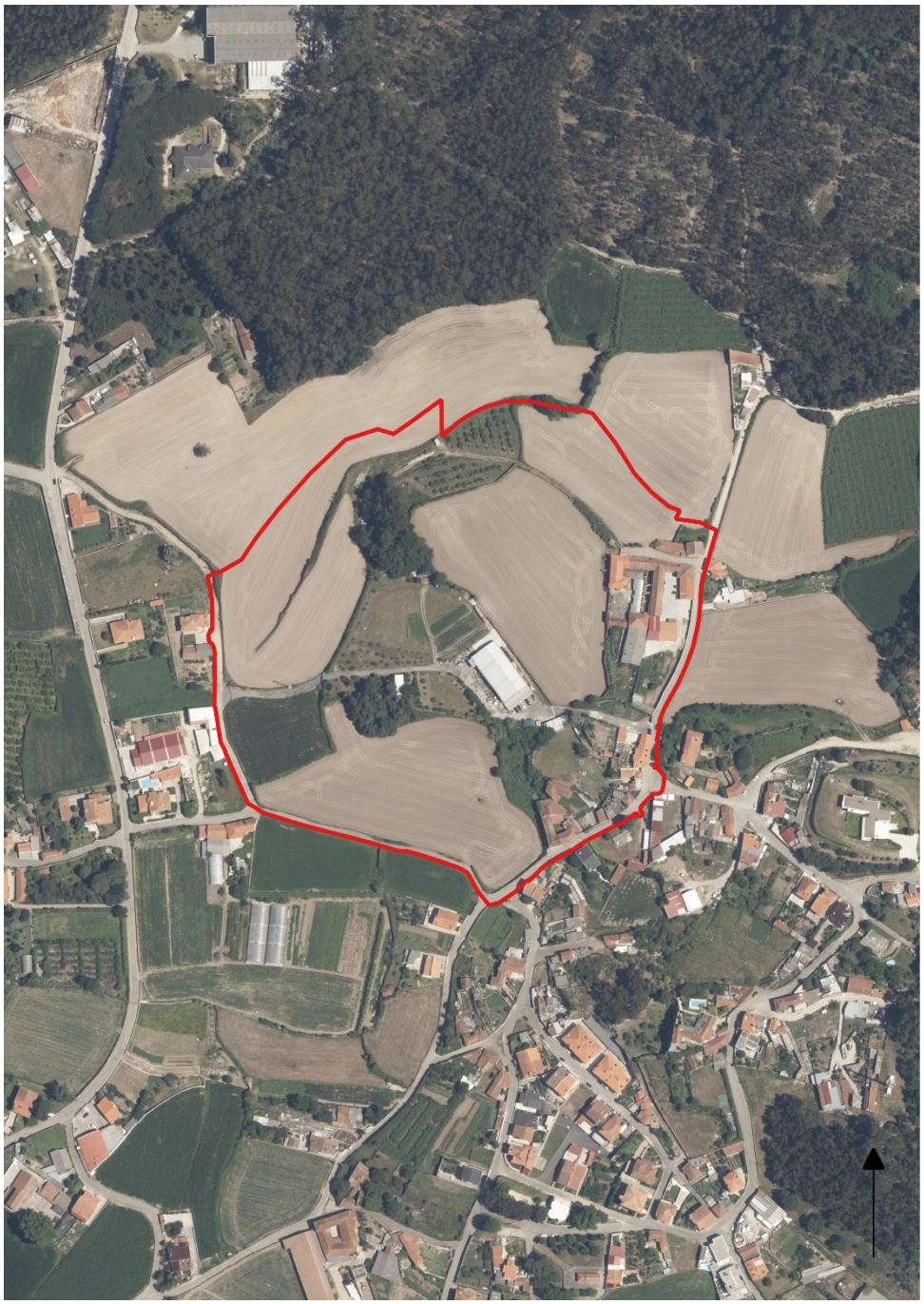
PINTO, R. Serpa - Notas Ceramográficas, in O Archeólogo Português, Vol. XI, Lisboa;

CARDOZO, Mário - Catálogo do Museu de Arqueologia, Guimarães, 1972, pág. 65;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da - Organizações Gentílicas Entre Leça e Ave, in Portugália, N/S, Vol. I, Porto, 1980, pág. 82-84;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, pág. 51-72;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da - Os Castros do Norte de Portugal, Paços de Ferreira, 1986, pág. 383.VASCONCELOS, José Leite de- Notícias Epigraphicas, "O Archeólogo Português", vol. XI, 1906, p. 371-372.



**Coordenadas:** X: -42475, Y: 181309 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** *Villa* romana/ Altares votivos/ Necrópole romana **Ref.11.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Guilhabreu** – Lugar: Paiço

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 1598, 5177, 5542(?), 3818(?) e 26426 (?)

## Vestígio:

*Habitat de época Romana*/ Altares votivos

O lugar do Paiço está situado na parte norte da freguesia de Guilhabreu e confina com o lugar de Vila Boa. Aliás, o nome mais abrangente é Vila Boa, enquanto Paiço, uma corruptela do topónimo Paço, que deriva do latim palatium, é tão somente um micro-topónimo.

Este sítio está localizado do lado nascente da estrada camarária que liga Guilhabreu a Canidelo. Em frente ao campo de jogos, numa pequena elevação com cota 116m, hoje totalmente agricultada e terraplanada, esteve a villa romana, atribuída ao Baixo Império. Daqui provêm cerâmicas romanas, capitéis e bocados de mosaicos e ainda uma necrópole, tipo columbário. Esta, segundo as descrições, tinha seis nichos onde foram depositadas as cinzas dos moradores da dita villa.

A villa, isto é, os seus habitantes, viviam da atividade agrícola que faziam nos campos envolventes, os quais são de boa qualidade, com boa drenagem e boa exposição solar.

Para além destes sinais existem outros que estão relacionados: três altares votivos. Não se sabe bem o local do seu aparecimento, mas tudo aponta que estejam relacionadas com a villa, já que elas são atribuídas ao lugar de Vila Boa.

Uma desses altares votivos tem uma inscrição onde se menciona a existência duas unidades suprafamiliares indígenas, ou seja, castrejas: Uliainca e Fiduenearum. Este, a ter estado nesta villa, sugere que a cronologia ocupacional do sítio é mais antiga (século I) que o século IV.

O altar votivo com inscrição tem a seguinte leitura:

“Ex (castro/ castello) U/ liain/ ca (rum ?). Lan/ asus/ Mebdi/ ex (castro/ castello) Fi (duenearum ?) / an (norum) LXX”.

Interpretação recentemente retificada:

“Lanasus, filho de Mebdus do castro dos Fidueneae (?), falecido aos 70 anos, (aqui está sepultado). Os habitantes do castro dos Ulaincae (erigiram-lhe este monumento)”.

## Material:

Cerâmica, e aras, mosaicos.

## Coleção:

A cerâmica e altares votivos estão integrados na coleção do Museu Nacional de Arqueologia (MNA E-6163; MNA E-6164; MNA E-6165).
Um fragmento de mosaico está no Museu Municipal de Viana do Castelo.

## Bibliografia:

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, pág. 51-72;

CARDOZO, Mário - Catálogo do Museu de Arqueologia, Guimarães, 1972, pág. 65;

PINTO, R. Serpa - Notas Ceramográficas, in O Archeólogo Português, Vol. XI, Lisboa;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da - Organizações Gentílicas Entre Leça e Ave, in Portugália, N/S, Vol. I, Porto, 1980, pág. 82-84;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da - Os Castros do Norte de Portugal, Paços de Ferreira,

1986, pág. 383.

REDENTOR, A. (2017) – A cultura epigráfica no *conuentus Bracaraugustanus*: percursos pela sociedade brácara da época romana. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2 vols (II = *CECBpo*).

VASCONCELOS, José Leite de- Notícias Epigraphicas, "O Archeólogo Português", vol. XI, 1906, p. 371-372.

VASCONCELOS, José Leite de - Notícias Epigraphicas, in O Archeólogo Português, Vol. XXVII, Lisboa, 1925-1926, pág. 164;



**Coordenadas:** X: -41199, Y: 180949 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Cerâmicas de época romana **Ref.11.3**

**Tipo:** B

**Localização:** **Guilhabreu** – Lugar: Palmazão

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 26425

**Vestígio:**

Habitat de época romana**:**

Palmazão é um lugar da freguesia de Guilhabreu que está situado na vertente oeste do castro de Alvarelhos (Trofa), praticamente na divisão administrativa do concelho de Vila do Conde com a Trofa. Foi um couto que vem mencionado nas Inquirições de 1258 e há ainda uma série de diplomas medievos, datados de 990 e 1052, que mencionam a vila de Palmazão. No primeiro diz-se, por exemplo, que esta se situava nas imediações do castro de Alvarelhos: "…in villa palmatiana suptus castro alvarelius discurrente ribulo abe…".

De acordo com a bibliografia arqueológica foram encontrados aqui um machado de bronze e cerâmicas como tegulae e cossoiros. A tegulae aparece, por exemplo, num campo que faceia a estrada para Guilhabreu, a norte da Fábrica de Cartonagem. É interessante também referir que junto a esta fábrica havia uma mamoa, destruída em tempos relativamente recentes e que bem pode ser a dita mamoa de Ciade.

O machado de bronze, que é de talão e tem duplo anel, pode estar relacionado com a dita mamoa, ou então ter sido encontrado e guardado pelos moradores da villa.

Os materiais daqui oriundos fazem parte da coleção de peças de arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde.

Possível Casal de época romana.

**Material:**

Tégulas, cossoiros.

Machado de bronze, de talão e duplo anel.

**Coleção:**

Câmara Municipal de Vila do Conde.

**Bibliografia:**


MAIA, Abade Sousa - A Necrópole de Canidelo, in Portugália, Vol. II, Porto, 1905-1907;

AZEVEDO, P.e Agostinho de - A Terra da Maia, Porto, 1939, pág. 109-110

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - Romanização das Terras da Maia, Maia, 1969, pág. 37;

CRUZ, Domingos de Jesus da; BRITO, Mário - A Colecção Arqueológica do Abade Sousa Maia, in Vila do Conde, N/S, Vol. 7, Vila do Conde, 11991, pág. 5-13;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, pág. 51-72.

**Freguesia: Junqueira**

**Referência: 12**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 12.1 | Mámuas do Folão | Barros/ Folão | A |
| 12.2 | *Villa* Fernandi | Lamelas | B |



**Coordenadas:** X: -45151, Y: 191468 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Mámuas do Folão **Ref.** **12.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Junqueira** – Lugar: Barros/ Folão

**Cronologia:** Pré-História Recente

**CNS:** 3302

## Vestígio:

Mámuas do Folão.

Em 1886 Martins Sarmento escrevia que no Fulão havia mamoas, pelo menos duas. Uma estaria já completamente destruída naquela altura, mas outra conservava ainda parte da estrutura, a pontos de alguém o ter informado que num dos esteios havia uma espécie de ave gravada.

As mamoas são duas, mas possivelmente havia mais, pelo menos uma terceira.

A de maior dimensão está situada à vista da estrada que liga Junqueira a São Miguel de Arcos, ou seja, a estrada nº 306. É, também, a que tem o tumulus mais bem conservado, mas cuja câmara está fortemente violada. O seu diâmetro ultrapassa os 20m e a altura ronda os 2,5m. O tal esteio que Martins Sarmento refere, devia fazer parte da câmara sepulcral.

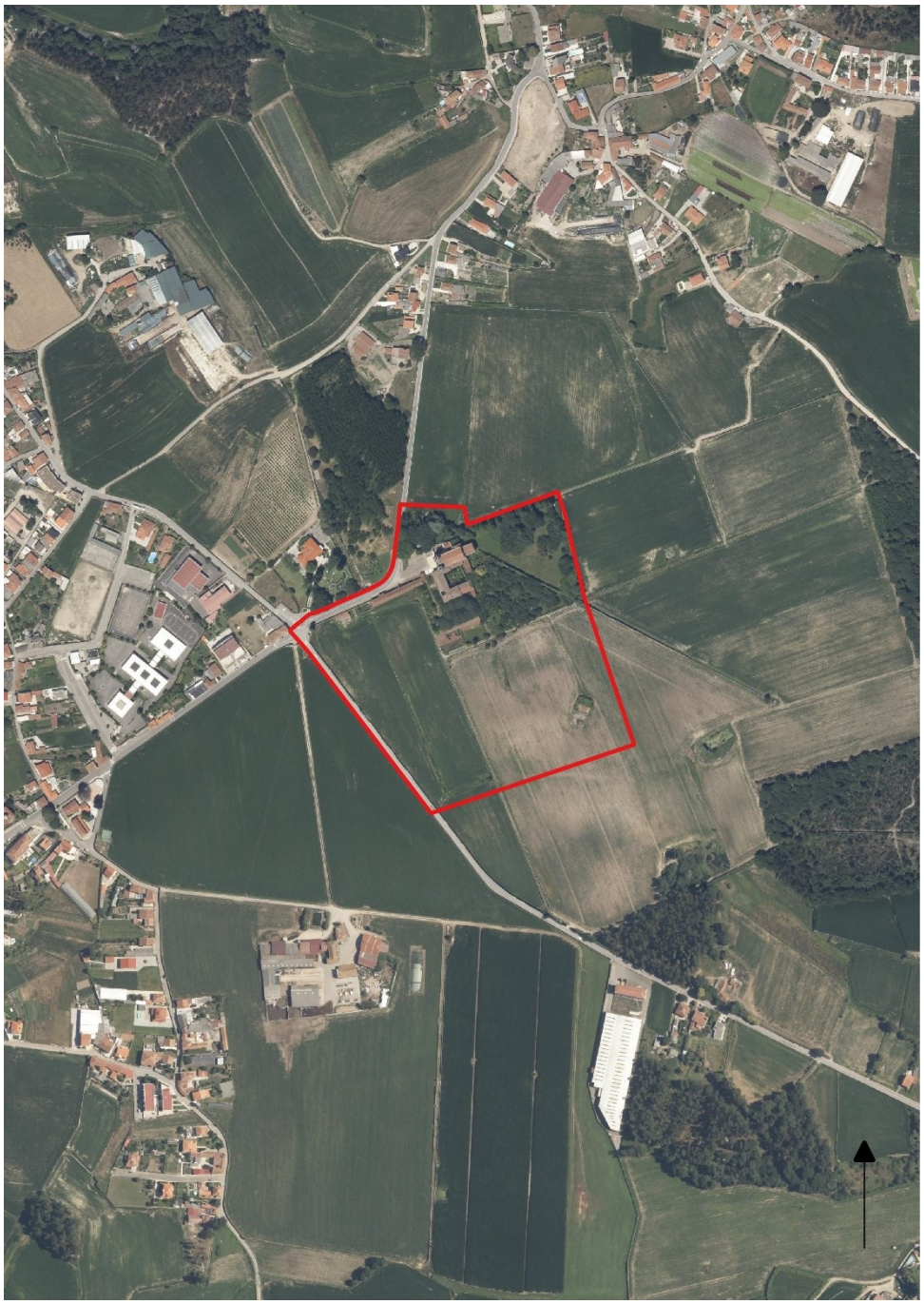
A outra mamoa está a cerca de 30m para sul. É mais pequena - o eixo maior tem cerca de 9,5m e a altura 1,5m. Está também muito violada ao nível da câmara sepulcral.

## Bibliografia:


SEVERO, Ricardo; CARDOSO, Artur - O Monte da Cividade, in Revista de Guimarães, Vol. III, Guimarães, 1886;

SARMENTO, F. Martins - Notícia Arqueológica, in O Archeologo Português. Vol. VI, Porto, 1901, pág. 47 e 144;

JORGE, Vitor Oliveira - Megalitismo do Norte de Portugal: O Distrito do Porto, Tese doutoramento, policopiado, FLUP, 1982, pág. 489-490.



**Coordenadas:** X: -45498, Y: 190210 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** *Villa* Fernandi **Ref.12.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Junqueira** – Lugar: Lamelas

**Cronologia:** Idade Média

**Vestígio:**

Mosteiro de São Simão e S. Judas Tadeu da Junqueira

A fundação do Mosteiro de São Simão e S. Judas Tadeu da Junqueira aconteceu entre 1069 e 1082, por intervenção de D. Árias, arcediago da Sé de Braga. O documento mais antigo relacionado com o mosteiro data de 1084. Até 1109 o mosteiro foi dúplice, altura em que passou a ser exclusivamente masculino. Em 1687 a sua igreja foi reedificada, ficando com a forma atual. A extinção desta ordem religiosa aconteceu em 1770 e os seus bens e ocupantes foram integrados no Mosteiro de Mafra. No século XIX o edifício do Mosteiro foi adquirido por um particular, mantendo-se a igreja para uso da paróquia. Após a sua aquisição, a casa foi reconstruída em redor do antigo claustro, num estilo barroco convencional.

**Bibliografia:**


CAPELA, José Viriato, MATOS, Henrique e BORRALHEIRO, Rogério, As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758 - Memórias, História e Património, Braga, Universidade do Minho, 2000;

FERREIRA, Monsenhor J. Augusto, Vila do Conde. Notas Históricas, in O Arqueologo Portugues, Vol. XI, Lisboa, 1904;

FERREIRA, Monsenhor J. Augusto, Vila do Conde e seu Alfoz. Origens e Monumentos, Porto, 1923;

VIEIRA, José Augusto, O Minho Pitoresco, tomo II, Lisboa, 1887.

**Freguesia: Labruge**

**Referência: 13**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 13.1 | Castro de São Paio | S. Paio | A |
| 13.2 | Estação romana | Calvelhe | B |



**Coordenadas:** X: -50036, Y: 179333 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Castro de São Paio **Ref.13.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Labruge** – Lugar: São Paio

**Cronologia:** Período Galaico-Romano

**CNS:** 3560

**Vestígio:**

Castro.

Este pequeno povoado castrejo foi construído sobre uma pequena plataforma rochosa que bordeja a atual linha de costa. A sua proximidade permite que a água do mar funcione como uma linha de defesa pois, mesmo na preia-mar, esta só permite a aproximação a nado. O restante sistema defensivo era constituído por uma muralha em talude, no fundo da qual funcionava um fosso. Ambos são visíveis dos lados meridional e nascente, estando totalmente disfarçado do lado norte.

A coroa é de pequenas dimensões e está muito maltratada pela ação da erosão, do estacionamento abusivo que ali funcionou, até aos anos 90 do século XX, na época balnear e também porque num dos lados dela foi construída uma capela dedicada a São Paio e que está datada de 1885.

Intervenções arqueológicas ali realizadas, na década de 90 do século XX, permitiram descobrir os restos de casas circulares, uma das quais com vestíbulo, lareiras e um bom punhado de espólio arqueológico, nomeadamente cerâmica indígena muito fragmentada. Também permitiu perceber que o castro era rodeado de uma muralha em talude, seguida de fosso, em toda a área voltada a terra. No topo do talude funcionava uma muralha em pedra que complementava o sistema defensivo.

Aparentemente, este castro não possui sinais de romanização, ou este são muito ténues.

No castro de S. Paio está disponível, desde o final de 2012, um Centro Interpretativo que tem por finalidade dar a conhecer, num só espaço, diferentes olhares, com objetivos distintos, mas interligados, sobre o mesmo local. Através deste equipamento cruzam-se os ensinamentos que a Arqueologia, a Geologia e Biologia tem para oferecer sobre o Castro de S. Paio e a sua envolvente.

O sistema económico deste pequeno povoado, que está na génese da futura comunidade piscatória de Vila Chã, baseava-se nos recursos marinhos e ainda na agricultura que era possível fazer-se nos terrenos que se estendem para o interior.

Não muito longe, entre o castro e o marco geodésico, situam algumas gravuras nas rochas graníticas que compõe o terreno geológico. Duas delas foram classificadas como runas, letras do alfabeto nórdico. Poderão estar associadas aos ataques vikings que é possível identificar na Península Ibérica entre os meados do século IX e a segunda metade do século XI.

Na mesma área encontram-se diversos penedos “amoladoiros”, ou seja, pequenas concavidades, naviformes, polidas.

**Material:**

Cerâmica castreja. Gravuras Rupestres

**Bibliografia:**


SARMENTO, F. Martins, Os Disperso, Coimbra, 1933;

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, D. Domingos de Pinho - Inventário de Objectos e Lugares com Interesse Arqueológico, in Revista de de Etnografia, Vol. XII, Porto, 1969, pág. 326;

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - A Romanização da Terra da Maia, Maia, 1969, pág. 33-34;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, pág. 51-72;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, 2ª edição, Paços de Ferreira, 2007, pág. 133;

QUEIROGA, F. - War and Castros, (tese policopiada) Oxford, 1992, nº 250;

DINIS, António P - Ordenamento do território da bacia do Ave no I milénio AC, tese de mestrado, FLUP, Porto, 1993.



**Coordenadas:** X: -49249, Y: 178324 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Estação romana **Ref.13.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Labruge** – Lugar: Calvelhe

**Cronologia:** Período Romano

**Vestígio:**

Habitat de época romana

No lugar de Calvelhe, numa área densamente florestada e confinante com o Rio Onda foram encontrados vestígios de época romana, nomeadamente tégulas e cerâmica comum. A localização desta ocupação romana é privilegiada já que, simultaneamente, poderia explorar importantes recursos agrícolas, mas também ribeirinhos, sem menosprezar tudo quanto mar poderia oferecer, nomeadamente o sal.

**Bibliografia:**

Inédito

**Freguesia: Macieira da Maia**

**Referência: 14**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 14.1 | Mámua de Sabariz | Sabariz | A |
| 14.2 | Habitat de época romana | Igreja | B |
| 14.3 | Castro de Olaia | Olaia | B |
| 14.4 | Topónimo megalítico | Madorra | D |



**Coordenadas:** X: -47044, Y: 186789 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Designação:** Mámua de Sabariz **Ref.14.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Macieira da Maia** – Lugar: Sabariz

**Cronologia:** Pré-História Recente

## Vestígio:

Mámua de Sabariz.

A toponímia - Madorra/Madorna - alicerçada na documentação, coloca no lugar de Sabariz uma sepultura megalítica que está situada a cerca de 800m para SE do cruzamento dos lugares de Mourão e Contra-Mourão e a 100m para sul da estrada de Tougues para Vilarinho. O eixo maior mede 17m e a altura da calota envolvente é de 1,5m. Está muito violada e muito destruída.

Ela encontra-se a escassos metros da capela do Sr. do Padrão, junto ao limite com as freguesias de Tougues, de Retorta e de Árvore.

Entre outras referências, esta sepultura vem referida no Tombo de Vairão de 1636, a propósito dos limites das freguesias de Fajozes, Vairão e Macieira da Maia: "…até entestar na Madorra, que é de Macieira…". De recordar que nos lugares de Vilarinho e de Sabariz passava uma estrada romana que depois se chamará Via Veteris, como passava uma outra, a Carraria Antiqua, que atravessava o rio Ave e depois seguia em direção a Quintela e Mourilhe, já no concelho de Póvoa de Varzim.

## Bibliografia:

FREITAS, Eugénio da Cunha e - Vila do Conde. 2. História e Património, in Cadernos, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001, pág. 309;

JORGE, Vitor Oliveira - Megalitismo do Norte de Portugal: O Distrito do Porto, Tese doutoramento, policopiado, FLUP, 1982, pág. 484 e 490-491.



**Coordenadas:** X: -44657, Y: 186029 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Habitat de época romana **Ref.14.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Macieira da Maia** – Lugar: Igreja

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 26431

**Vestígio:**

Habitat de época romana.

Colado pelo lado nascente do adro da igreja há um pequeno outeiro, hoje com casas de habitação e espaços ajardinados. Estes terrenos eram conhecidos pelos campos do Pereira e neles aparecem bocados de tégulas e alguma pedra de construção antiga.

São resquícios de uma antiga ocupação romana, ou dos primórdios da Alta Idade Média.

São conhecidos localmente por campos do Pereira.

**Material:**

Tégulas e pedra.



**Coordenadas:** X: -43020, Y: 186031 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Castro de Olaia **Ref.14.3**

**Tipo:** B

**Localização:** **Macieira da Maia** – Lugar: Olaia

**Cronologia:** Período Galaico-Romano

**Vestígio:**

Castro de Olaia.

No lugar da Olaia, fazendo limite com a freguesia de Fornelo o Castro ocupa uma pequena elevação. Em finais do século XIX foi visitado por Francisco Martins Sarmento. Nada refere quanto a fortificação ou cerâmica, como ainda hoje nada é visível à superfície. No entanto um lavrador local ofereceu a Martins Sarmento uma pequena goiva de pedra polida, achado que aponta para uma grande antiguidade da ocupação no local.

**Propriedade:**

Junta de Freguesia de Macieira da Maia.

**Bibliografia:**

SARMENTO, Francisco Martins, Antíqua, Apontamentos de Arqueologia, Edição da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1999, pág. 236.



**Coordenadas:** X: -44220, Y: 185756 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Topónimo megalítico **Ref.14.4**

**Tipo:** D

**Localização:** **Macieira da Maia** – Lugar: Madorra

**Cronologia:** Pré-História Recente

**Vestígio:**

Na freguesia de Maceira da Maia existe um topónimo, Madorra, cuja etimologia remete para a presença de um, ou mais, monumento funerário megalítico. Atualmente resta unicamente o topónimo.

**Freguesia:** **Malta**

**Referência:** **15**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 15.1 | Estação Paleolítica | Berroços | C |



**Coordenadas:** X: -45067, Y: 181241 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/4 000

**Designação:** Estação Paleolítica **Ref.** **15.1**

**Tipo:** C

**Localização:** **Malta** – Lugar: Berroços

**Cronologia:** Pré-História Antiga

**CNS:** 21302

**Vestígio:**

Estação Paleolítica.

Esta estação, muito importante para o conhecimento da ocupação paleolítica em Vila do Conde, situa-se nas duas margens da Ribeira da Lage, em Berroços, correspondendo muito provavelmente a vestígios em coluvião, ou mesmo aluvião. Em todo o caso, podemos também estar perante um terraço do Rio Onda, altura em que o contexto das peças encontradas já ganharia outra importância e daí a sua classificação. Muito embora a jusante tenha já aparecido materiais líticos relacionáveis com o paleolítico, esta estação encontrava-se inédita.

**Freguesia:** **Mindelo**

**Referência:** **16**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 16.1 | Achado romano | Ponta da Gafa | B |
| 16.2 | Topónimo Idade Média | Moimenta | D |
| 16.3 | Topónimo Romano | Passos | D |



**Coordenadas:** X: -50765, Y: 182724 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Achado romano **Ref.16.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Mindelo** – Lugar: Ponta da Gafa

**Cronologia:** Período Romano

**Vestígio:**

Peso de tear romano.

Contrariando a tese do deserto humano que era sugerida pelos achados arqueológicos conhecidos na primeira versão do Plano Diretor Municipal recentemente foi descoberto um peso de tear romano, aquando de uma deslocação de areias próxima da ponta da Gafa, em Mindelo.

O achado foi entregue a Município com referência à construção de um parque de estacionamento e terá aparecido aquando da colocação de tubos a cerca de 2 m de profundidade.

Assim sendo delimitamos a área do parque de estacionamento de Mindelo, como área de sensibilidade arqueológica, uma vez que dificilmente os vestígios remanescentes da construção romana indiciada por este achado terão sido destruídos, assumindo que se encontrariam a uma cota muito inferior.



**Coordenadas:** X: -50059, Y: 183384 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/4 000

**Designação:** Topónimo Idade Média **Ref.16.2**

**Tipo:** D

**Localização:** **Mindelo** – Lugar: Moimenta

**Cronologia:** Idade média

**Vestígio:**

Topónimo.

O topónimo Moimenta está relacionado com um monumento funerário medieval e é interessante referir que o local onde ele subsiste está na trajetória de uma antiga via, vinda do sul do concelho e que mais a norte ia juntar-se à via que vinha do Porto e ligava a Azurara e Vila do Conde.

O lugar de Moimenta está situado na parte poente da freguesia e é hoje um misto de casas de habitação e de campos de cultivo.



**Coordenadas:** X: -48558, Y: 182449 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/10 000

**Designação:** Topónimo Romano **Ref.16.3**

**Tipo:** D

**Localização:** **Mindelo** – Lugar: Passos

**Cronologia:** Período Romano

## Vestígio:

Topónimo.

O lugar do Passos - a grafia correta seria Paços - está situado a sudeste da igreja paroquial e confina, pelo lado nascente, com a EN13.

O topónimo Paço (quando escrito com dois “ss” – Passo - é um erro gramatical já que a palavra deriva do termo latino Palatium - Paço), pode referir o sítio onde, na época romana, teria estado o “Palatium Domini”, isto é, o paço do Senhor. Por outras palavras, salvo raras exceções, onde existir este topónimo é natural que haja estruturas relacionadas com uma villa romana.

É um espaço plano há muito trabalhado pela agricultura. Sintomático é o facto de ser já mencionado nas Inquirições de 1258: "…in villa que vocatur Palacii…".

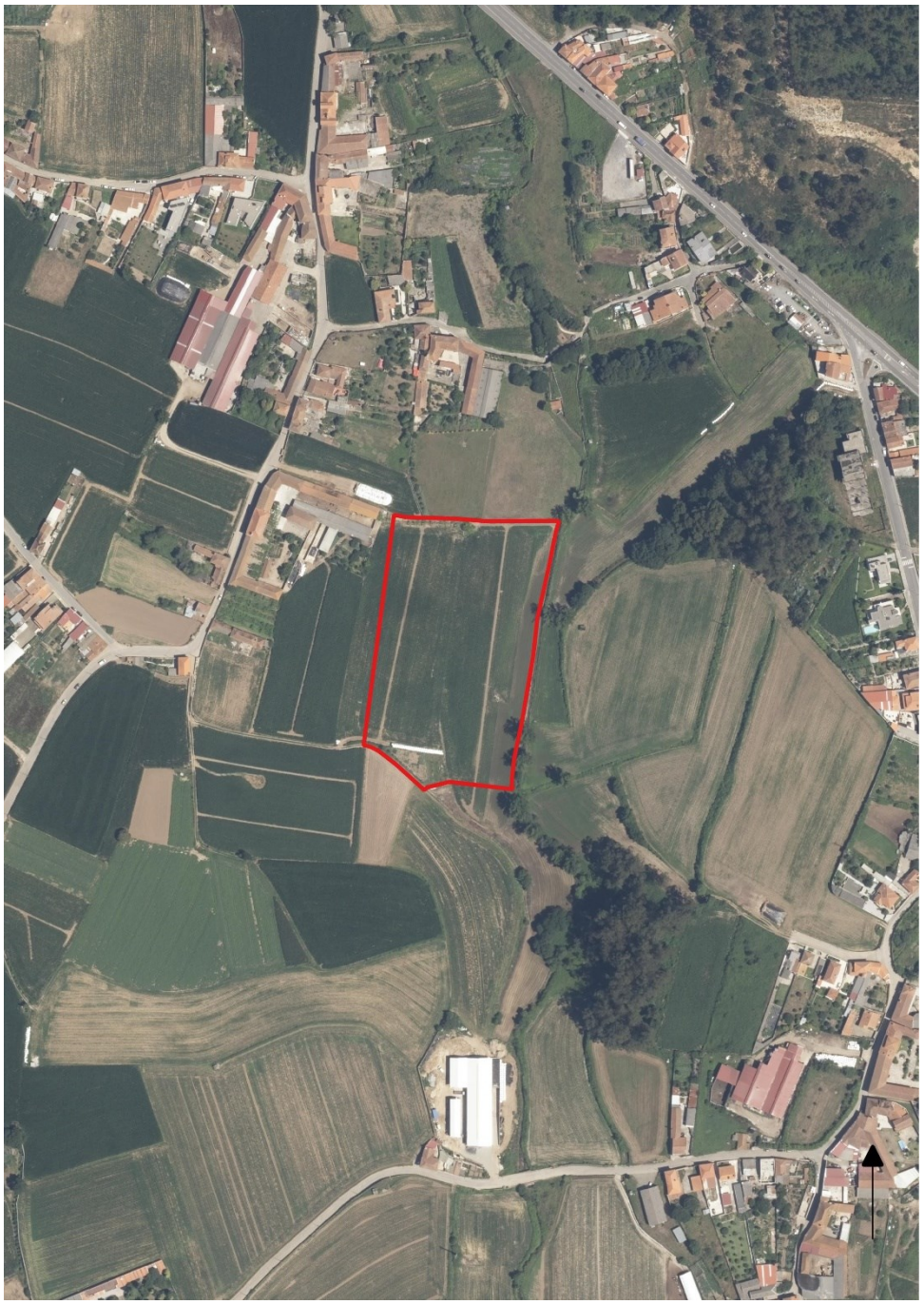
## Bibliografia:

PMH, Inquisitiones. 1258, pág. 484

**Freguesia: Modivas**

**Referência: 17**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 17.1 | Biface | Modivas de Baixo | C |
| 17.2 | Estela funerária romana | Modivas de Baixo | C |
| 17.3 | Topónimo Megalítico | Agra | D |
| 17.4 | Topónimo Romano | Passos | D |



**Coordenadas:** X: -46548, Y: 180102 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Biface **Ref.17.1**

**Tipo:** C

**Localização:** **Modivas** – Lugar: Modivas de Baixo

**Cronologia:** Pré-História Antiga

**Vestígio:**

Biface.

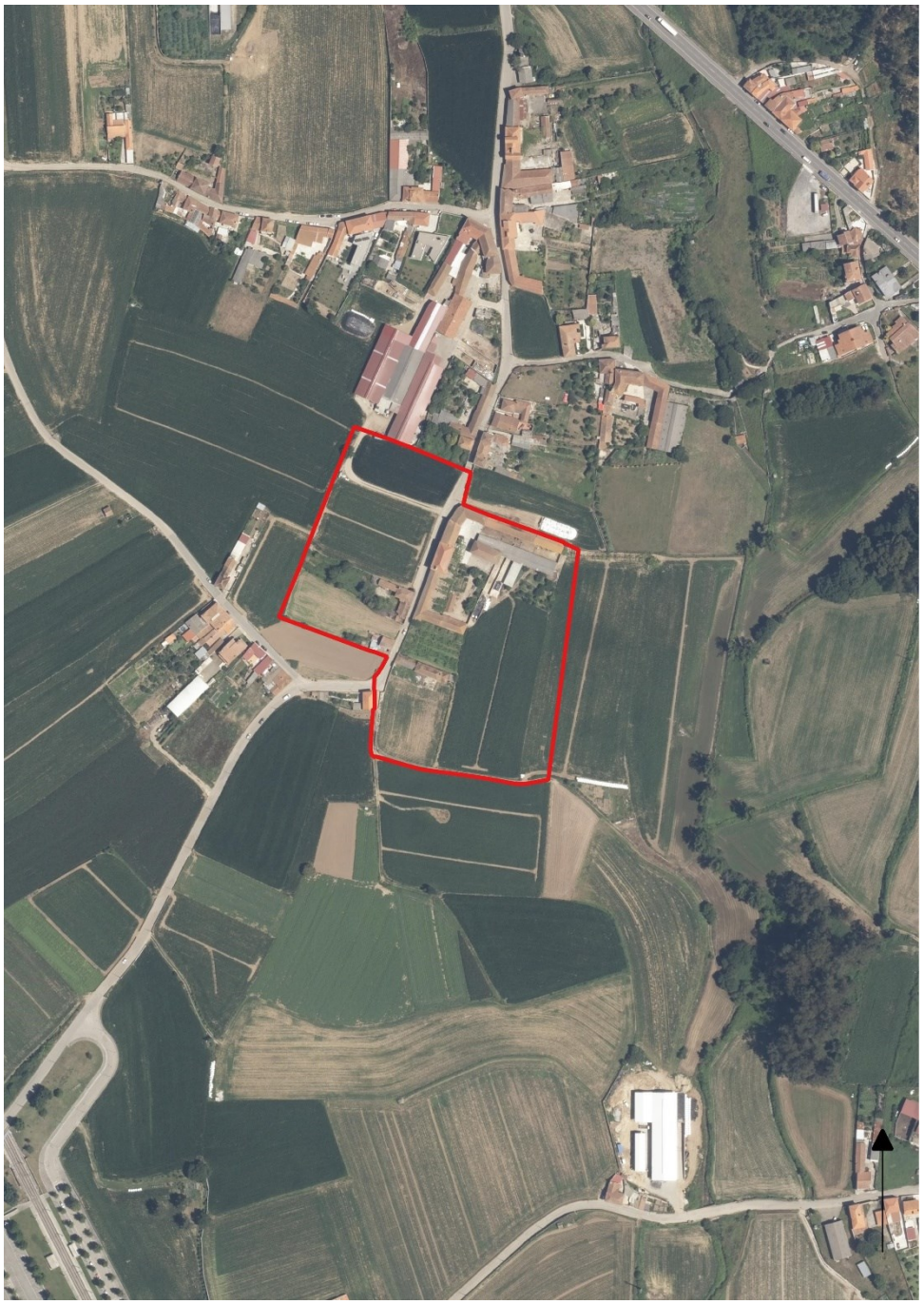
**Material:**

O pequeno rio Onda atravessa a freguesia de Modivas na sua parte meridional, a caminho da foz, em Labruge/Lavra. O pequeno regato passa entre campos agrícolas e tem margens baixas praticamente desprovidas de vegetação, à exceção de alguns amieiros e salgueiros.

De acordo com informações locais um biface de tipo acheulense e alguns unifaces conotados, ao que parece impropriamente, com o languedocense, foram recolhidos nos terrenos que marginam este curso de água, entre Modivas de Baixo e o lugar de Real em Vilar.

**Bibliografia:**

PAÇO, Afonso do; PINTO, Elísero- *Subsídios para uma Carta Geológica do Concelho de Vila do Conde*, "Revista de Guimarães", vol. LXXIV, 1964, p. 143-148.



**Coordenadas:** X: -46691, Y: 180152 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Estela funerária romana **Ref.17.2**

**Tipo:** C

**Localização:** **Modivas** – Lugar: Modivas de Baixo

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 26432

**Vestígio:**

Estela funerária romana.

Na parte poente da freguesia de Modivas destaca-se o topónimo Paço, local hoje habitado e que confina pelo lado meridional com os campos agrícolas de Modivas de Baixo. O topónimo Paço (palativum), por si só, é um bom indicativo de uma anterior ocupação de época romana. Se o conjugarmos com a presença de fragmentos de tégulas nos campos que fazem gaveto entre as ruas da Gandarinha e Rua Direita de Modivas de Baixo, a possibilidade de nesta área ter havido um casal, ou mesmo um villa romana e de a mesma se situar na periferia do traçado da Via Veteris, que terá uma ascendência romana, torna esta possibilidade em algo muito evidente. Para mais há que referir que na casa de lavoura da família Azevedo Lemos está guardada uma estela funerária dedicada a uma senhora que, em vida, se chamou Flávia, era filha de Severino e morreu com idade de 30 anos.

Leitura

| | |
|---|---|
| D M S | D(iis) M(anibus) S(acrum) |
| SEVERE | SEVERO |
| L FLAVI F | FLAVI F |
| IILIO AN | ILIO AN(norum) |
| XXX SE | XXX SEV (rinus) |

Transcrição

Aos Sagrados Deuses Manes, Flávia, filha de Severino, morreu aos 30 anos

**Coleção:**

Particular.

**Bibliografia:**

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - Modivas, uma aldeia maiata, Vila do Conde, 1983;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A rede viária pré-jacobeia no Minho litoral, in Caminho Português da Costa. Estudos, Viana do Castelo, 2017, pág. 7-25.



**Coordenadas:** X: -47162, Y: 180612 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Topónimo Megalítico **Ref.17.3**

**Tipo:** D

**Localização:** **Modivas** – Lugar: Agra

**Cronologia:** Pré-História Recente

**Vestígio:** Topónimo conotado com túmulos megalíticos (antas ou mámuas).



**Coordenadas:** X: -46929, Y: 180682 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Topónimo Romano **Ref.17.4**

**Tipo:** D

**Localização:** **Modivas** – Lugar: Passos

**Cronologia:** Período Romano

## Vestígio:

Topónimo.

O lugar de Passos está hoje cheio de moradias e totalmente agricultado.

Apesar de não termos ainda encontrado vestígios de época romana, é bem possível que na sua área ainda possam aparecer. Pode, igualmente, ser um topónimo relacionado com o nome de uma pessoa (Passos), ou ser o sítio onde havia uma casa nobre, neste caso uma quinta medieval.

## Bibliografia:

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - Modivas, uma Aldeia Maiata, Vila do Conde, 1983, p. 18-19.

**Freguesia: Mosteiró**

**Referência: 18**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 18.1 | Necrópole de Época Romana | Arões | B |
| 18.2 | Habitat romano | Igreja | B |



**Coordenadas:** X: -43682, Y: 179425 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Habitat romano e Necrópole de Época Romana **Ref.** **18.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Mosteiró** – Lugar: Arões

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 3828 e 26433

## Vestígio:

Necrópole de época romana.

O lugar de Arões, que outrora albergou a “honra de Arões” pertencente a Rui Gonçalves Babilom, com as suas opulentas casas agrícolas, reflete bem a extensão e a qualidade dos solos agrícolas.

Era sítio ideal para existir uma *villa* de época romana, ou então um ou mais casais abastados. O Pe. Agostinho de Azevedo diz aí ter aparecido uma necrópole, mas desconhecemos o sítio exato, bem como a localização do espólio arqueológico aí recolhido.

No sítio indicado aparecem tégulas que bem podem ser reminiscências da casa, ou casas, que aí existiam na parte final do Império romano (séc. IV/ V).

## Material:

Tégulas.

## Bibliografia:

AZEVEDO, Pe. Agostinho de- *A Terra da Maia*, Maia, 1939, p. 108.



**Coordenadas:** X: -44852, Y: 179043 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Habitat romano **Ref.18.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Mosteiró** – Lugar: Igreja

**Cronologia:** Período Galaico-Romano

**CNS:** 20813

**Vestígio:**

Habitat de época romana.

A igreja de Mosteiró está situada no meio de uma ampla campina. A norte, o terreno é mais baixo e alagadiço, mas a sul há extensas agras de bons solos agrícolas. Foi neles que apareceram, recolhidos pelo Sr. Costa do Padrão, tijolos e tégulas de época romana. Tais vestígios poderão provir de uma casa (casal ou *villa*) ou de uma necrópole de época romana.

**Material:**

Tijolos, tégulas e uma mó manual.

**Bibliografia:**

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de- *A Romanização da Terra da Maia*, Maia, 1969, p. 37.

**Freguesia: Outeiro Maior**

**Referência: 19**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 19.1 | Paço do Casal de Cavaleiros | Corvos – Quinta de Cavaleiros | B |
| 19.2 | Habitat romano | Granja | B |



**Coordenadas:** X: -43021, Y: 190026 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/6 000

**Legenda:** Zona Especial de Proteção

**Designação:** Paço do Casal de Cavaleiros **Ref.19.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Outeiro Maior** – Lugar: Corvos - Quinta de Cavaleiros

**Cronologia:** Pré-História Recente / Período Romano/ Idade Média

**Classificação Atual:** Monumento de Interesse Público – Portaria n.º 231/2013, DR, 29 Série, n.º 72 de 12-04-2013

**CNS:** 16858

**Vestígio:**

Habitat da Idade do Bronze / Necrópole de época romana/ Habitat de época romana / Casa Torre Medieval

A Quinta de Cavaleiros está situada na extrema de Outeiro Maior com Bagunte e a curta distância das também medievas villae de Corvos e de Gacim. O lugar de Corvos pertence a Bagunte, mas Gacim já faz parte de Outeiro Maior.

A mais antiga referência a uma propriedade honrada sediada em Outeiro Maior está presente num documento de fevereiro de 1249, quando Pires do Casal vende a Martinho Pires do casal, seu irmão, e à sua mulher Sancha Garcia, parte de uma casa onde se diz: "… Ego S. Petri de bona mea voluntate vobis Martino Petri meo germano et uxori vestre Sancie Garcie facio vobis cartam de quino de casis cum sua pede de torre…". Nove anos passados, voltamos a encontrar referências na Inquirição feita em 1258 a esta localidade. Nela se afirma, expressamente, que ali havia a honra de um "militum veteri" e que esta pertencia a D. Fafie Goterri.

Onde se situava verdadeiramente esta honra não o sabemos, nem o texto o diz, mas tudo aponta para que o local original seja o pequeno outeiro, situado na encosta baixa meridional da Cividade de Bagunte, no local onde, posteriormente, foram construídas uma torre e uma casa senhorial.

Tudo aparece indicar que este D. Fafie Goterri esteja relacionado com os Cunha e com os Ferreira de Eça, sendo que um membro desta família, de seu nome Martim Ferreira, instituiu o morgadio de Cavaleiros em 1344. É do período medievo que data a torre senhorial que posteriormente viria a ser incorporada numa outra casa construída na viragem do século XVI para o XVII, consoante o deixa antever uma boa parte da estrutura que a ruína, mais que eminente, patente, sobretudo, na área alpendrada (loggia) voltada a nascente, espaço aberto sustentado por uma colunata com fustes de mármore onde se nota já o gosto renascentista.

O elemento estrutural mais antigo desta casa é a sua torre, porque do primitivo edifício nada se sabe. Esta torre era composta por três andares e como mandavam as regras de então das domus fortis, tinha um mínimo de aberturas. A porta de entrada estava protegida por uma seteira, mas posteriormente, com a construção da casa que acabou por a envolver, foi-lhe aberto um outro acesso pelo lado exterior, ao nível do segundo andar, na altura em que o seu proprietário de então introduziu algumas alterações no edifício. Tanto quanto sabemos um dos seus morgados, Martim Ferreira, mandou fazer obras na casa, mais especificamente por volta de 1432, de acordo com uma inscrição que se conserva no Museu Soares dos Reis, a qual relata que: "em 1432 Martim Ferreira mandou fazer esta obra". As obras de fundo, que lhe conferiram a feição qua ainda hoje tem foram feitas no século XVI. De destacar a dita área alpendrada protegida por um muro a meia-altura no qual estão inseridos bancos de pedra laterais para observação da paisagem, a adaptação da torre a espaço habitacional e a construção das alas habitacionais em que o rés-do-chão se destinava a tulhas, adega, espaços de armazenamento de alfaias agrícolas, forno e mesmo cortes de animais, enquanto a área sobradada estava destinada a habitação já que estava distribuída por salas, quartos e cozinha. O acesso a este imponente edifício fazia-se exteriormente através de uma escadaria de pedra adossada à ala principal onde se destacam as portas-janelas protegidas por gradeamento de ferro fundido. Uma delas era a porta de acesso ao andar superior que, na viragem do século XIX para o XX, recebeu um pequeno alpendre rendilhado, bem ao gosto da Arquitetura do Ferro que então estava muito em voga em construções com um certo aparato.

Adossada à ala principal está a capela com uma fachada simples, desprovida de ornatos e remate triangular. Sobre o cume da empena sobressai uma cruz de braços toreados e remate apontado que assenta num plinto paralelepipédico. No interior havia um retábulo em talha dourada já da ponta final do barroco.

A rodear este conjunto habitacional estão os terrenos agrícolas e junto da capela o que resta de um espaço de eleição que outrora foi um belo jardim.

Muito mais recentemente a Quinta de Cavaleiros, ou Paço de Cavaleiros, foi adquirida por familiares da escritora Agustina Bessa Luís que a refere em várias das suas obras, nomeadamente em Homens e Mulheres (1967), Antes do Degelo (2004), O Soldado Romano (2007), Cividade (2012) e Colar de Flores Bravias (2013).

Esta propriedade era extensa e estendia-se até à base meridional da Cividade de Bagunte. Está quase totalmente agricultada, mas junto do caminho M527 conserva-se uma zona de mato e floresta. Foi nos terrenos que confinam com a orla florestal que se encontraram fragmentos cerâmicos que são de atribuir à Idade do Bronze. Estes tanto podem provir de um habitat como de uma necrópole.

Em terrenos limítrofes também se encontraram fragmentos de tégulas e em local não determinado foram recolhidos uns vasos cerâmicos de época romana, típicos das necrópoles de época romana. Uns e outros sugerem a presença de uma estrutura agrária com necrópole de época romana que estará na génese da futura Quinta dos Cavaleiros. Aliás, em terrenos de cultivo situados a sul da casa desta Quinta há restos de tégulas metidos nas paredes de divisão das propriedades.

Os vasos cerâmicos romanos encontram-se depositados no Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Cronologia: II milénio a.C. para os vestígios da Idade do Bronze. Posterior ao século I para os vestígios de época romana.

**Material:**

Vasos cerâmicos de época romana; cerâmica da Idade do Bronze.

**Coleção:**

Os vasos cerâmicos da necrópole de época romana encontram-se no Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

**Bibliografia:**

BARROCA, Mário Jorge - Torres, casas-torres ou casas-fortes: a concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (sécs. XII-XV), sep. de História das Ideias, vol. 19, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998;

FERREIRA, José et alii - Outeiro Maior, Outeiro Maior, 2005;

FERREIRA, José - Páginas da História de Bagunte, Vol. I, Bagunte, 2016;

PEREIRA, Liliana C. Silva – Quinta de Cavaleiros. Contributo para o estudo da Casa-Torre, in Seminário de projeto 4º ano Arqueologia, Porto, 2003.



**Coordenadas:** X: -43433, Y: 189841 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Habitat romano **Ref.19.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Outeiro Maior** – Lugar: Granja

**Cronologia:** Período Romano

**Vestígio:**

Habitat romano

Na Quinta da Granja, que confina com a Rua do Pedaço e que já fez parte da Quinta de Cavalheiros, existiu um habitat de época romana. A sua presença fica atestada não só pelos materiais cerâmicos aí existentes, como pelos muros de construções que, embora enterrados, são visíveis num ortofotomapa de 2002.

**Bibliografia:**

Inédito.

**Freguesia:** **Retorta**

**Referência:** **21**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 21.1 | Castro de Retorta | Igreja | A |



**Coordenadas:** X: -49430, Y: 187836 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Castro de Retorta **Ref.21.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Retorta** – Lugar: Igreja

**Cronologia:** Ocupações que vão até ao séc. V/ VI d. C

**CNS:** 3598

## Vestígio:

Castro.

Sobranceiro ao rio Ave e próximo do sítio que toponimicamente é conhecido por Lagoa, eleva-se um pequeno outeiro, cuja vertente norte se estende até à margem do rio. Do lado oposto, já em território de Argivai (Póvoa de Varzim) havia um outro povoado, do qual quase nada resta, pois aí foi construído o complexo da AGROS. Na periferia de ambos os castros passava um velho caminho romano que vem mencionado na documentação medieval, pois a partir do século X mencionam-se carrarias antigas e mouriscas, em sítios como Quintela (Argivai), Cadilhe e Mourilhe (Amorim).

Topograficamente é o único morro deste lado do rio que possuía características próprias para a implantação de um habitat da Idade do Ferro. Para além de controlar a travessia do rio, também podia interferir na sua navegação por força da proximidade e podia viver da agricultura que se podia fazer nos campos que se estendem para sul e nascente.

Hoje é um habitat muito deteriorado pelo aproveitamento de uma parte significativa do seu espaço que foi arroteado e transformado em pastagem. O sistema defensivo é do tipo clássico, pois tinha ou mais muralhas em pedra e previsivelmente um fosso a reforçar o sector mais acessível, do lado sudoeste.

O espólio consta de cerâmica castreja e romana, com destaque para restos de ânfora, cerâmica comum e terra sigillata. A este acrescente-se ainda as taças de vidro que datam dos séculos V/VI, já estudadas por Jorge e Adília Alarcão, o que leva a concluir que a ocupação deste sítio atingiu, pelo menos, o começo da Alta Idade Média.

Os vidros estão depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães.

Na sua ver tente norte foi construída a primitiva igreja dedicada a Santa Marinha que posteriormente viria a ser substituída por uma mais recente, localizada mais no centro da área habitada da freguesia.

## Material:

Cerâmica castreja.

## Coleção:

Os vidros estão depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães.

## Bibliografia:

SARMENTO, F. Martins - Os Dispersos, Coimbra, 1933, p. 165.

ALARCÃO, Jorge e Adília - Vidros Romanos do Museu de “Martins Sarmento”, “Revista Guimarães”, vol. LXXIII, 1963.

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - A Terra da Maia, Maia, 1969, p. 33

**Freguesia: Rio Mau**

**Referência: 22**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 22.1 | Habitat romano | Sobrado | B |
| 22.2 | Igreja Românica | Igreja Românica | B |
| 22.3 | Topónimo Megalítico 1 | Pedra Lara | D |
| 22.4 | Topónimo Megalítico 2 | Pedrarca | D |



**Coordenadas:** X: -46545, Y: 192588 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Habitat romano **Ref.** **22.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Rio Mau** – Lugar: Sobrado

**Cronologia:** Período Romano

## Vestígio:

Habitat de época romana.

O lugar do Sobrado está situado a sudoeste da nova igreja paroquial, por onde corre o Ribeiro Negro, topónimo que é bem capaz de justificar o onomástico da freguesia, na medida em que drena águas da vertente meridional da Serra de Rates, zona onde houve mineração de ferro.

Este lugar encontra-se rodeado de campos de cultivo, sendo que as casas de habitação, na maioria casas de lavoura, ocupam um pequeno outeiro cuja cota é ligeiramente mais elevada que os campos envolventes. É neste, mais próximos às casas, do lado norte, que se encontram algumas tégulas, restos de antigas coberturas de casas que podem remontar ao mundo romano, ou serem já do começo da Alta Idade Média.

Finalmente diga-se que o topónimo Sobrado está relacionado com casas de habitação que têm rés-do-chão e 1º andar e normalmente a sua ascendência anda associada à Alta Idade Média.

## Material:

Tégulas.



**Coordenadas:** X: -45628, Y: 192386 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Igreja Românica **Ref.22.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Rio Mau** – Lugar: Igreja Românica

**Cronologia:** Idade Média

**CNS:** 15104

## Vestígio:

Túmulos medievais (3).

No começo do II milénio houve em Rio Mau um pequeno mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho o qual, a fazer fé nas deduções do Prof. José Marques, foi secularizado antes de 1442, data que está em desacordo com uma proposta de Mons. J. Augusto Ferreira, que atribui a sua incorporação no vizinho mosteiro de São Simão da Junqueira ao arcebispo D. Fernando da Guerra no ano de 1443. Deste mosteiro resta somente a atual igreja, que é, na opinião de Mário Barroca, a segunda, já que, em 1103, um diploma inserido na coletânea dos Documentos Medievais Portugueses refere que Oduarius era o seu abade naquela data, portanto bem antes de 1151, tido como o momento em que o atual templo começou a ser construído. Assim sendo, tem razão Mário Barroca quando afirma que o templo anterior teria uma traça pré ou proto-românica, enquanto o atual é, nas suas pequenas dimensões, um misto de românico com alguns apontamentos góticos visíveis, sobretudo, no portal meridional.

De acordo com uma inscrição conservada na pilastra do lado direito localizada na face interna da parede leste da capela-mor esta igreja começou a ser construída no ano de 1151, por iniciativa do sacerdote Pedro Dias, sendo dedicada a São Cristóvão, que parece estar representado num capitel da entrada da capela-mor como um homem que transporta uma criança nos braços.

A parte mais antiga desta igreja é precisamente a cabeceira ou capela-mor e a porta lateral do lado norte. Aliás este templo é composto por um corpo central bem mais elevado que a cabeceira, o que equivale a dizer que as parcelas mais antigas começaram a ser construídas em meados do século XII, enquanto o corpo central é mais tardio, do final daquela centúria, senão mesmo já do começo da seguinte.

No adro desta igreja há dois túmulos medievais e uma pia retangular que pode ter servido de pia batismal. Um dos túmulos é monolítico, tem uma configuração antropomórfica e está desprovido de qualquer elemento decorativo.

## Material:

Túmulo em pedra.

## Bibliografia:

FERREIRA, Mons. J. Augusto - Vila do Conde e seu Alfoz, Ateliers Marques Abreu, Porto, 1923, pág. 38;

PEIXOTO, Rocha - Obras, Vol. I, Póvoa de Varzim, 1967, pág. 372;

MARQUES, José - A Arquidiocese de Braga no Século XV, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1988, pág. 732;

BARROCA, Mário Jorge - Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422), Vol. II (T I), Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, Lisboa, 1999, pág. 234-238;

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - História da Arte em Portugal, O Românico, Ed. Alfa, Lisboa, 1986, pág. 72.



**Coordenadas:** X: -45952, Y: 193069 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/4 000

**Designação:** Topónimo Megalítico1 **Ref.22.3**

**Tipo:** D

**Localização:** **Rio Mau** – Lugar: Pedra Lara

**Cronologia:** Pré-História Recente

**Vestígio:**

Topónimo que pode estar relacionado com antas ou mamoas.



**Coordenadas:** X: -47111, Y: 194767 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3000

**Designação:** Topónimo Megalítico 2 **Ref.22.4**

**Tipo:** D

**Localização:** **Rio Mau** – Lugar: Pedrarca

**Cronologia:** Pré-História Recente

**Vestígio:**

Topónimo que pode estar relacionado com antas ou mamoas.

**Freguesia: Tougues**

**Referência: 23**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 23.1 | Mámua de barca 1 e 2 | Contra-Mourão | A |



**Coordenadas:** X: -47724, Y: 187323 – Mámua 1 X: -47678, Y: 187138 – Mámua 2 (ETRS89 Transverser Mercator)
**Escala:** 1/3 000

**Designação:** Mámua de Mourão 1 e 2 **Ref.23.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Tougues** – Lugar: Contra-Mourão

**Cronologia:** Pré-Histórico Recente

**CNS:** 20851 e 3815 (?)

**Vestígio:**

Mámua de Mourão.

Francisco Martins Sarmento escrevia, em 1886, que perto do Senhor do Padrão tinha havido duas antas, uma das quais havia sido destruída anos atrás. Um dos trabalhadores encontrou no local uns objetos que levou para casa e deitou ao lume, mas eles começaram a estalar. Martins Sarmento presumiu então que fossem pontas de sílex encontradas na mamoa destruída.

Na toponímia atual da freguesia de Tougues estão registadas a Rua das Mamoas e a Quinta da Madorna, este um topónimo que, em certa medida, anda associado a sepulturas megalíticas. Por sua vez Vítor Oliveira Jorge, baseado num documento de 1144, refere que a mamoa de Mourão servia de referência aos limites do couto de Vilarinho de Pindelo: "…*partet cum ecclezia pijndello et vadit ad Mamoa Mourã et lagoina Vessada*…".

No atual quadro da freguesia não encontramos qualquer rasto de uma das mamoas acima citadas, porque os espaços onde elas estariam foram já parcialmente arroteados e transformados em campos de cultivo. Presumivelmente todas estas referências, sejam documentais ou toponímicas, estarão relacionadas com a sepultura megalítica, tanto mais que as distâncias entre si são curtas.

A que resta situa-se nas proximidades do “marco da vela”, datado de 1697 e está a cerca de 20 metros da estrada de Tougues para Vilarinho (Macieira da Maia). Está muito danificada ao nível do “tumulus” que tem cerca de 31 metros de diâmetro. Terá sido escavada nos finais do século passado e dela provirá algum espólio que se encontra à guarda do Museu da Sociedade Martins Sarmento.

**Material:**

Pontas de seta e “uma pedra esquisita”.

**Colecção:**

Sociedade Martins Sarmento- Guimarães.

**Bibliografia:**

SARMENTO, F. Martins- *Notícia Arqueológica*, “O Archeólogo Português”, vol. VI, 1901, p. 47.

**Freguesia:** **Touguinha**

**Referência:** **24**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 24.1 | Tégulas | Igreja | B |
| 24.2 | Topónimo Megalítico | Madorra | D |



**Coordenadas:** X: -48673, Y: 189590 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Tégulas **Ref.** **24.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Touguinha** – Lugar: Igreja

**Cronologia:** Período Galaico–Romano

**CNS:** 3594(?)

**Vestígio:**

Castro(?) / Habitat Romano (?).

O topónimo citânia foi aplicado a uma das artérias que está junto da igreja paroquial.

A igreja está implantada no cimo de uma pequena colina que domina todo o espaço em redor, mas que está muito transformada com a construção da igreja, adro e casas situadas em redor.

Tem todas as características de ter sido um pequeno habitat da Idade do Ferro. Nos terrenos envolventes foram encontrados fragmentos de tégulas.

A igreja de Touguinha está situada no cimo de um pequeno morro que domina a campina envolvente.

Na entrada do adro e no seu interior aparecem tégulas. Elas também podem provir de uma necrópole ou de um habitat romana.

**Material:**

Tégulas.



**Coordenadas:** X: -48634, Y: 188999 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/4 000

**Designação:** Topónimo Megalítico **Ref.24.2**

**Tipo:** D

**Localização:** **Touguinha** – Lugar: Madorra

**Cronologia:** Pré-História Recente

**Vestígio:**

Topónimo conotado com túmulos megalíticos.

Madorra é um topónimo de inspiração megalítica. Hoje perdura num dos arruamentos da freguesia sob a designação de Travessa da Madorra. Trata-se de uma área muito agricultada, mas também coberta de floresta. É uma zona plana onde, com toda a probabilidade, houve sepulturas megalíticas.

A bibliografia arqueológica informa que em sítio incerto desta freguesia apareceram dois vasos de "chapéu invertido" que andam associados a túmulos do Bronze Final, abertas no saibro e também a cistas megalíticas. A sua relação com o topónimo é uma hipótese a considerar.

Em sítio incerto de Touguinha, apareceram dois vasos de chapéu invertido, os quais andam normalmente associados a túmulos de tipo cista. É provável que tenha sido no lugar da Madorra.

**Bibliografia:**

FORTES, José- *Vasos em Forma de Chapéu Invertido*, "Portugália", vol. II, Porto, 1905/1907, p. 662 e 665.

**Freguesia: Vairão**

**Referência: 26**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 26.1 | Castro Boi | Crasto/ Sto. Ovídio – Sto. António | A |
| 26.2 | Mosteiro de S. Bento e Tampas de Sepultura | Mosteiro de S. Bento | C |
| 26.3 | Topónimo Megalítico | Madorna | D |
| 26.4 | Topónimo Romano | Passo | D |



**Coordenadas:** X: -45482, Y: 184015 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Castro Boi **Ref.** **26.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Vairão** – Lugar: Crasto/ Sto. Ovídio- Sto. António

**Cronologia:** Período Galaico–Romano

**CNS:** 3634

**Vestígio:**

Castro

O Castro Boi foi construído no cimo de um pequeno monte que se destaca na orla de uma vasta campina onde nasceram, posteriormente, as freguesias de Árvore, Mindelo, Fajozes e parte de Vairão. Na sua base, mesmo antes da Romanização, corria uma estrada que se virá a chamar *Via Veteris*, a qual atravessava o rio Ave na Ponte de D. Zameiro que estava em construção no reinado de D. Afonso Henriques. Para além de castro da Idade do Ferro foi igualmente um proto-castelo que vem mencionado numa série de diplomas medievais oriundos dos cartórios dos mosteiros de Moreira e Vairão. Este último fica situado a curta distância, para norte, e albergou durante séculos monjas da Ordem Beneditina feminina.

O castro está muito destruído pela construção de uma capela na sua coroa, dedicada a Santo António, mas que alberga uma imagem de Santo Ovídio. O que a capela e acesso não alterou, fizeram-no as muitas pedreiras e os muitos sobreiros e outro tipo de arvoredo que marcam as suas encostas. Foi um habitat de pequenas dimensões, com um sistema defensivo à base de muralhas e fosso, a nascente, onde ainda é possível encontrar vestígios de construções na encosta poente e ainda cerâmica castreja.

Foi um habitat que aproveitou os solos agrícolas que se estendem para poente e controlou a circulação viária na antiga estrada romana (Via Veteris) que corria no seu sopé poente.

**Bibliografia:**


AZEVEDO, P.e Agostinho de - A Terra da Maia, Porto, 1939, 102;

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - A Romanização da Terra da Maia, Maia, 1969, 34;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, 2ª edição, Paços de Ferreira, 2007, 134;

QUEIROGA, F. - War and Castros, (tese policopiada) Oxford, 1992, nº 254;

DINIS, António P. - Ordenamento do território da bacia do Ave no I milénio AC, tese de mestrado, FLUP, Porto, 1993, 94-95;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A rede viária pré-jacobeia no Minho Litoral, in Caminho Português da Costa. Estudos, Viana do Castelo, 2017, 7-25;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, 51-72.

SARMENTO, F. Martins - Os Dispersos, Coimbra, 1933, 165.



**Coordenadas:** X: -44929, Y: 185062 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Mosteiro de S. Bento e Tampas de Sepultura **Ref.** **26.2**

**Tipo:** C

**Localização:** **Vairão** – Lugar: Mosteiro de S. Bento

**Cronologia:** Período Galaico–Romano

**CNS:** 4587

**Vestígio:**

**Mosteiro de São Salvador de Vairão:**

O Mosteiro de São Salvador de Vairão pertenceu à Ordem Feminina de São Bento e tem a sua origem na ponta final da Alta Idade Média. Acompanhou o processo de organização do território após a Reconquista e em 1141 recebeu Carta de Couto de D. Afonso Henriques. Tendo presente a documentação medieval, o mosteiro foi fundado antes de 947 e terá sido destruído por ocasião de uma incursão muçulmana, ou normanda à região. Após isso e de acordo com um documento de 1021 ocorreu uma reconstrução do mosteiro que, naquela data, era dúplice "…ad frates et sorores qui ibi habitantes fuerit…".

Das primeiras construções nada resta já que a atual igreja data de 1799, todavia Carlos A. Ferreira de Almeida considera que ali há alguns vestígios góticos, mas desconhecem-se sinais relacionados com o românico.

Do período da primeira reconstrução do mosteiro há uma inscrição, atribuída a 1073, que menciona uma Dona Pala Froilaz que foi sua patrona. Desta altura os únicos vestígios conservados são dois sarcófagos, um dos quais com cruz grega em relevo e ainda uma tampa com decoração em estola.

O túmulo com a cruz grega tem uma configuração retangular, não antropomórfico e um orifício aos pés. O segundo, desprovido de decoração, tem uma cabeceira de tendência retangular e no geral um incipiente antropomorfismo. No que diz respeito às tampas, a mais antiga é do tipo "estolas mistas", sendo bastante espessa e de secção retangular. A sua cronologia deve situar-se entre o século IX e o XI. Uma outra tampa foi reutilizada no século XVII no túmulo de Isabel Pereira de Mendonça. Da sua decoração primitiva realce a presença de uma pentalfa inscrita num círculo a par de outros motivos de sabor românico. Do século XV, mais especificamente de 1426, é uma tampa armoriada, com um brasão encimado por uma cruz florenciada que parece provir do túmulo da abadessa D. Violante Henriques.

O único elemento classificado deste antigo mosteiro é a capela de São João que foi construída em 1551.

**Material:**

Granito.

**Coleção:**

Mosteiro de São Salvador de Vairão.

**Bibliografia:**

MATTOS, Armando - Arqueologia Artística. III. Duas Pedras Sepulcrais de Vairão, in Museu, Vol. IV, Fasc. 8, Porto,1945, 65-68;

MATTOS, Armando de - Inventário das Inscrições do Douro-Litoral, in Douro-Litoral, Vol. VII, 2ª série, Porto, 1947, nº XXXV, 63;

BARROCA, Mário Jorge - Necrópoles e sepulturas medievais de entre Douro e Minho, policopiado, FLUP, 1987, 212 e 246;

BARROCA, Mário Jorge - Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422), Vol. II (T I), Fundação

Calouste Gulbenkian/FCT, Lisboa, 1999, 83-92;

MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira - O Mosteiro de S. Salvador de Vairão na Idade Média: O Percurso de uma Comunidade Feminina, Un. Portucalense, Porto, 2001..



**Coordenadas:** X: -43708, Y: 183806 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Topónimo Megalítico **Ref.** **26.3**

**Tipo:** D

**Localização:** **Vairão** – Lugar: Madorna

**Cronologia:** Pré-Histórico Recente

**Vestígio:**

O topónimo Madorna está frequentemente associado a túmulos megalíticos.



**Coordenadas:** X: -44229, Y: 183657 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Topónimo Romano **Ref.** **26.4**

**Tipo:** D

**Localização:** **Vairão** – Lugar: Passo

**Cronologia:** Período Galaico-Romano

**Vestígio:**

Topónimo.

O topónimo Passo está mal grafado porque na realidade deverá ser Paço, já que a sua origem está na palavra latina Palativum. Está localizado na parte ocidental da freguesia entre os lugares de Carrazedo e Boca. É uma área agrícola, extensa e plana.

A hipótese de haver vestígios relacionados com uma ocupação de época romana é elevada.

**Freguesia: Vila Chã**

**Referência: 27**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 27.1 | Salinas | Praia Nova | A |
| 27.2 | Forte de Vila Chã | Areias | B |
| 27.3 | Topónimo Idade Moderna | Facho | D |



**Coordenadas:** X: -50551, Y: 181038 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/4 000

**Designação:** Salinas **Ref.** **27.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Vila Chã** – Lugar: Praia Nova

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 41062

**Vestígio:**

Salinas

Na Praia Nova, onde também foi detetada a moeda romana nas rochas, foram encontradas algumas estruturas sob a areia da praia. O local é sujeito à ação das marés que, em determinadas condições, a retira e deixa a descoberto terra humosa, onde os mesmos vestígios arqueológicos se encontram fincados. A existência destes vestígios foi comunicada por Bruno Costa, em 2020.

Em 2022 foi possível fazer uma intervenção arqueológica neste local, que se encontra, nos últimos anos, a sofrer com as alterações climáticas, por via do aumento do nível médio das águas do mar, das alterações de correntes marítimas e com a maior amplitude e carga energética das marés-vivas. Tal tem resultado no avanço da destruição do cordão dunar e na remoção, esporádica, da areia da zona intertidal. É em momentos mais extremos que o vestígio arqueológico fica a descoberto.

Foram registados partes de dois tanques salineiros que, pelas suas características, possuem semelhanças com outras estruturas de cronologia romana.

O método construtivo dos tanques salineiros consistiu no rebaixamento do paleosolo aí existente, criando um embasamento de formato subretangular/subquadrangular, com um nível de utilização plano. No limite interior desses tanques abriram-se as valas de implantação das pedras das paredes das salinas e fincaram-se pedras graníticas de formato e tamanho irregular. Os níveis de utilização das salinas foram aplanados e compactados. Ambos encontram-se à cota de 3,66m de altura em relação à altura média do mar. As paredes dos tanques salineiros têm uma altura que ronda, em média, os 25cm acima da cota do nível de utilização, ficando sensivelmente à cota do topo do paleosolo.

A salina 1 possui 7,4m de comprimento por 3,9m de largura preservada máxima. O tanque seria mais largo, mas o mar já destruiu uma parte significativa, pelo que é impossível de determinar a sua largura original. A salina 2, que padece do mesmo problema a da salina 1, tem 9m de comprimento e 3m de largura preservada máxima.

Na extremidade sudeste de ambos os tanques salineiros foram abertas duas caixas de limpeza. Medido pelo interior, o tanque da salina 1 possui 0,72m por 0,87m, tendo uma profundidade de 0,15m. A caixa da salina 2 tem 0,77m por 0,72m, com profundidade de 0,15m.

O nível de utilização de ambas as caixas situa-se a 3,55m de altura em relação à altura média do mar. Por ser mais baixo do que o nível de utilização das salinas, a base das caixas corresponde ao paleosolo.

Os dois tanques salineiros são contíguos e separados por uma estreita faixa de paleosolo, com cerca de 0,65m de largura, que servia de passagem dos salineiros, havendo indicação que se estendem para norte, em direção à praia da Congreira.



**Coordenadas:** X: -50552, Y: 181705 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Forte de Vila Chã **Ref.** **27.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Vila Chã** – Lugar: Areias

**Cronologia:** Idade Moderna

## Vestígio:

Forte de Vila Chã

Na parte norte da freguesia, hoje numa zona bastante urbanizada, houve um fortim e um facho marítimo.

A costa entre Viva do Conde e Matosinhos era bastante vulnerável ao ataque de corsários e mesmo de forças marítimas regulares hostis. Daí que D. João VI, ainda como Regente em nome de sua mãe D. Maria I, tenha ordenado a construção de uma pequena fortaleza no rochedo da Aguilhada, em 1796. O forte tinha uma forma circular e estava equipado com cinco bocas de fogo, bem como com um edifício que servia de paiol e de quartel.

Foi construído com recurso a estacaria de madeira e pedra, razão que levou, muito cedo à sua destruição, sobretudo após as invasões francesas quando deixou de ter préstimo militar. O seu desinteresse militar levou a que fosse desmontado e a pedra aproveitável fosse aplicada na construção do muro do adro da Igreja de Vila Chã que, à data, ainda servia de cemitério.

É provável que o topónimo facho derive do facto de no fortim haver um dispositivo de sinalização luminosa.

## Bibliografia:

AZEVEDO, P.e Agostinho de - A Terra da Maia, Porto, 1939;

DIAS, António de Azevedo - Vila Chã e suas origens, Vila do Conde, 2009.



**Coordenadas:** X: -49955, Y: 180891 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Topónimo **Ref.27.3**

**Tipo:** D

**Localização:** **Vila Chã** – Lugar: Facho

**Cronologia:** Idade Moderna

## Vestígio:

Topónimo (Facho).

A norte da praia e povoação piscatória de Vila Chã, está o Facho, sítio onde funcionou um dos fachos de borda-mar do concelho de Vila do Conde. Os outros estavam em Moreiró (Labruge) e Vila do Conde (zona do castelo). Como os demais, a sua missão era vigiar o trânsito marítimo e sinalizar possíveis desembarques.

Deste nada resta, a não ser o morro de areia onde primitivamente esteve situada a estrutura que albergava o dispositivo de sustentação do mastro onde era pendurado o facho ou caldeira de sinalização.

## Bibliografia:

AZEVEDO, Pe. Agostinho de - A Terra da Maia, Porto, 1939, 107.

**Freguesia: Vila do Conde**

**Referência: 28**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 28.1 | *Villa* e Necrópole Romana | Bem-Guiados/ Caxinas | B |
| 28.2 | Habitat romano | Formariz | B |
| 28.3 | Topónimo Megalítico | Formariz | D |
| 28.4 | Centro Histórico de Vila do Conde | Vila do Conde | B |



**Coordenadas:** X: -51730, Y: 188013 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** *Villa* e Necrópole Romana **Ref.** **28.1**

**Tipo:** B

**Localização:** **Vila do Conde** – Lugar: Bem-Guiados/ Caxinas

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 47 e 4700

## Vestígio:

Villa e Necrópole Romana.

Quando se construíram as primeiras habitações do Bairro do Farol, que fica na periferia meridional das Caxinas, apareceram uma série de vestígios arqueológicos que, no seu conjunto, justificam a presença de uma villa romana. Numa área próxima, mas hoje indeterminada, colocou-se a descoberto uma zona de enterramento associada à villa. As sepulturas apareceram em 1953 durante a abertura de maceiras na zona dunar.

Em 1981 a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho colocou a descoberto alguns muros e materiais que haviam pertencido à villa romana.

Nos anos 90 do século passado o Gabinete de Arqueologia Municipal procedeu a sondagens arqueológicas nos terrenos situados entre a Avenida Júlio Saúl Dias e a Rua Baltazar Couto, sem que nesse local tenham aparecido vestígios arqueológicos.

Os vestígios arqueológicos distribuíam-se por vários hectares, o que justifica a sua classificação como villa. Esta terá começado no século I, com moradores vindos de castros vizinhos e a eles devem ser atribuídas as cerâmicas indígenas que por ali apareceram. A sua localização também se justifica pela proximidade ao rio e ao mar e aos campos de cultivo que se estendiam pela orla costeira e mais para o interior, onde viria a passar uma estrada romana secundária. Teria interesses na produção do sal e na pesca fluvial e costeira e no controle do afluxo comercial que se podia fazer pela embocadura do rio Ave. A acreditar na datação das peças arqueológicas recolhidas na necrópole, a ocupação deste espaço ter-se-á prolongado, pelo menos, até ao século IV.

O espólio mais significativo revê-se nos vidros e vasos cerâmicos (bilhas, copos, pratos) vindos dos enterramentos, a par de outro recolhido pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, que foi levado para Braga. O restante faz parte do espólio da Câmara Municipal de Vila do Conde.

## Material:

Cerâmicas indígenas e comuns de época romana, vidros e *sigillata*.

## Coleção:

Câmara Municipal de Vila de Conde
Cooperativa Agrícola de Vila do conde
Unidade Arqueológica da Universidade do Minho.

## Bibliografia:

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - A Necrópole Galaico-Romana de Vila do Conde, in Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série de História, Vol.II, Porto, 1973;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, pág. 51-72.



**Coordenadas:** X: -49937, Y: 188150 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Habitat romano **Ref.28.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Vila do Conde** – Lugar: Formariz

**Cronologia:** Período Galaico-Romano

**Vestígio:**

Habitat de época romana

Formariz é uma antiga freguesia que foi anexada no século passado à de Vila do Conde. O seu padroeiro era S. Pedro, venerado na antiga igreja paroquial, hoje reduzida a capela. Apesar de incorporada na actual cidade, conserva ainda bastante da sua ancestralidade agrícola, visível ainda nas casas de lavoura e nos campos que marginam a estrada que vem da igreja da Lapa. À volta da capela concentram-se algumas das casas de lavoura e é num dos terrenos agrícolas, que se estendem daí eté à estrada, que aparecem algumas tégulas, especialmente no momento das lavragens.

**Material:**

Tégulas.

**Bibliografia:**

SAMPAIO, Alberto - As Vilas do Norte de Portugal, 2ª Ed., Lisboa, 1979, p. 61



**Coordenadas:** X: -50232, Y: 188122 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Topónimo Megalítico **Ref.** **28.3**

**Tipo:** D

**Localização:** **Vila do Conde** – Lugar: Formariz

**Cronologia:** Pré-História Recente

**Vestígio:**

O lugar de Formariz, que foi uma antiga paróquia, está na parte oriental da cidade de Vila do Conde. Administrativamente está na extrema de Argivai (Póvoa de Varzim). Neste espaço situava-se, de acordo com a documentação medieval, a mamoa da Forca de Barreiros.



**Coordenadas:** X: -50954, Y: 187322 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/5 000

**Legenda:** Zona Geral de Proteção

**Designação:** Centro Histórico de Vila do Conde **Ref.** **28.4**

**Tipo:** B

**Localização:** **Vila do Conde** – Lugar: Vila do Conde

**Cronologia:** Período Galaico-Romano (Castro S. João) / Idade Média / Idade Moderna (Centro histórico) / Idade Média (Sarcófagos e Tampas medievais) Século XIII-XIV
(Tampas sepulcrais)

**Classificação Atual:**
Em vias de classificação – Anúncio n.º 207/2024, DR, 2.ª série, n.º 161, de 21-08-2024

**CNS:** 794, 20920, 30532, 3524 e 11696

**Vestígio:**

As raízes de Vila do Conde, enquanto local ocupado em permanência pelo Homem, remonta, pelo menos, até à Idade do Bronze Final. Já era conhecido que no Monte Mosteiro existiu um castro (designado por Castro de S. João), comprovado pela documentação medieval e por duas intervenções arqueológicas. A mais antiga (2004) permitiu recolher cerâmica da Idade do Ferro, enquanto a mais recente permitiu identificar cerâmicas da Idade do Ferro, casas castrejas e fossas abertas no saibro, de onde foram recolhidas cerâmicas da Idade do Bronze Final.

Curiosamente e contrariando uma dedução largamente difundida, o Monte Mosteiro não terá sido ocupado durante a romanização, uma vez que a escavação aí realizada não detetou qualquer vestígio relacionável com aquele período. O mesmo será dizer que o castro foi abandonado um pouco antes, ou no início, do processo de romanização do noroeste peninsular.

Contudo, em Vila do Conde são conhecidas casas agrícolas romanas em Formariz, nas Caxinas (junto ao Bairro Vermelho e à Escola José Régio), junto ao Convento do Carmo e nas traseiras do Centro de Memória. Adicionalmente encontraram-se vestígios de tégula durante a intervenção arqueológica realizada no Palacete Melo.

A villa romana das Caxinas é, de todas, a mais bem conhecida pois foi escavada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho no início da década de 80 do século XX e porque a sua necrópole forneceu um conjunto significativo de peças bem preservadas. Relativamente àquele espaço funerário pouco mais se conhece, porque a mesma foi posta a descoberto em 1933, publicada em 1953 e a sua localização foi, entretanto, esquecida. Há quem a coloque junto do antigo estádio do Rio Ave, hoje ocupado por um empreendimento urbanístico.

Os restantes vestígios da romanização reduzem-se à recolha de fragmentos, mais ou menos isolados, de tégula.

O fim do Império Romano, por via das invasões bárbaras, acarretou uma mudança profunda na Península Ibérica. A chega de Suevos e Visigodos procedeu a uma reorganização, onde os povos germânicos ocuparam maioritariamente territórios rurais, deixando aos hispânicos o controlo das cidades e dos ópidos, que lhes haviam sido transmitidas pela romanização. A Crónica de Idácio, que retrata um período cronológico balizado entre 379 e 469, deixa antever uma sociedade profundamente fracionada, exposta a convulsões sociais permanentes e a confrontos cíclicos entre as partes.

Dando crédito à Crónica de Idácio, é de supor que as propriedades rurais que integram o atual território de Vila do Conde tenham transitado para mãos dos povos germânicos e que o mesmo estivesse sob seu domínio efetivo.

O estudo da toponímia parece dar maior impulso a esta teoria, já que Formariz, onde existiu uma villa, é um nome de origem germânica.

Vila do Conde ficou integrada, em termos religiosos, na Diocese de Braga. Para além de barreira geográfica, o rio Ave passou a ser sinónimo de fronteira eclesiástica, mas também administrativa e militar, uma vez que para norte ficava a Terra de Faria e para o sul se desenvolvia a Terra da Maia.

Para ambos os territórios, com a Idade Média vieram múltiplas referências documentais que permitem traçar de forma mais evidente as suas evoluções enquanto aglomerados populacionais.

A primeira referência documental a Vila do Conde data de 953. Enquanto aglomerado populacional foi evoluindo em redor da Praça Velha, hoje designada por Largo Antero de Quental, onde existiu o primitivo edifício da Câmara Municipal. Portanto, estava próximo do Rio Ave, mas sem se abeirar dele.

Em termos jurisdicionais, o senhorio de Vila do Conde, que incluía Azurara e Pindelo (hoje Azurara) foi doado por D. Sancho I a D. Maria Pais, algures entre 1205 e 1209, separando-o da jurisdição da Terra de Faria. Esta jurisdição foi sendo transmitida aos descentes de D. Maria Pais, acabando nas mãos de D. Teresa Martins, casada com D. Afonso Sanches, filho bastardo de D. Dinis. Foram este dois os responsáveis por uma das maiores transformações de Vila do Conde: a criação do Mosteiro de Santa Clara e da sua Igreja, em 1318. Os problemas existentes entre D. Afonso Sanches e o seu meio-irmão (D. Afonso IV) levou à restituição da jurisdição de Vila do Conde à coroa e - mais tarde – à reposição da situação anteriormente em vigor. A coroa retoma a jurisdição com a morte, sem descendentes, de D. Martinho Albuquerque, durante o reinado de D. Pedro.

Daqui em diante a jurisdição de Vila do Conde ficará repartida, por períodos de tempo mais ou menos longos, por diversas individualidades, incluindo a coroa e o Mosteiro de Santa Clara.

O crescimento urbano de Vila do Conde é particularmente notório durante a Idade Moderna, quando atividades comercias – especialmente as forjadas com o norte da Europa - e a construção naval contribuíram decisivamente para a transformação das suas fisionomias. Outrora confinado junto da Praça Velha, rasgaram-se múltiplos arruamentos em direção ao Rio Ave, no sentido norte-sul, de quem as casas e negócios se abeiraram. A povoação multiplicou-se e espalhou-se para um território mais vasto.

Se Vila do Conde tinha 300 casais em 1258, passando a uma cifra entre os 600 e os 700 fogos em 1513, em 1527-32 o número já ascendia a 905, tendo atingido o número de 1500 em 1602.

Foi o fluxo de dinheiro de mercadores, que aqui construíram muitas das suas naus nos estaleiros navais e muitas das suas casas, que promoveu uma verdadeira revolução urbana. São deste período as múltiplas fachadas manuelinas que se encontram espalhadas pelas suas ruas, como também o são a Igreja Matriz, a Casa da Misericórdia, os novos Paços do Concelho e as capelas de Nossa Senhora do Socorro, de S. Bento, de S. Roque e de Santa Catarina.

Este foi um período de grande dinamismo, bem vincado pela construção de novos centros administrativo e religioso, este último “independente” da influência direta das religiosas do mosteiro de Santa Clara. Mas também marcado pela construção de centros económico (alfândega régia), militar (forte de S. João Baptista) e judicial (pelourinho). Este último foi fortemente contestado e alvo da destruição da população, pouco depois de ter sido erguido junto à nova câmara municipal, tendo sido feito um novo, que acabou por ser erguido junto aos estaleiros navais de Vila do Conde, junto à margem do rio Ave e não muito longe da alfândega régia.

Este foi o tempo de D. Manuel I, que passou por Vila do Conde aquando da sua peregrinação a Santiago de Compostela, pouco depois de ter decretado a expulsão de judeus e mouros do território nacional. Foi ele que aqui deixou uma caixa de pesos, para calibrar e aferir as balanças, promovendo a sua uniformização, sinal da crescente importância que a atividade mercantil ganhou em Vila do Conde. Foi também com ele que se dotou Vila do Conde de um foral, capaz de definir, com maior clareza e à margem de influências externas à coroa, os deveres e direitos da sua população e que demonstra a crescente importância desta comunidade.

É provável que o rei tenha cruzado o rio Ave, vindo da cidade do Porto, na barca de passagem, durante séculos única forma de atravessar aquele corpo de água. Sabe-se que, entre Vila do Conde e Azurara existiu, por tempo indeterminado e em localização incerta, uma ponte, pois ela aparece referenciada num documento do século XIII. É uma referência fugaz que não encontra em mais nenhum testemunho. A barca de passagem, cujos direitos económicos pertenciam ao mosteiro de Santa Clara durou até 1793, quando se iniciou a construção de uma ponte de pedra a ligar as margens de Vila do conde e de Azurara. Esta viria a cair em 1821, durante uma cheia e parte dos seus pegões ainda hoje são visíveis na maré-baixa. Foi imediatamente substituída por uma ponte de madeira, que só foi inutilizada com a construção de uma ponte com tabuleiro metálico.

Urbanisticamente Vila do Conde passou, do século XVII em diante, por um longo período de estagnação. Há certamente casos de edifícios monumentais a serem construídos, de que o Mosteiro de Santa Clara, reedificado em 1777 e projetado pelo arquiteto Ventura Lobo, é o expoente máximo, mas que também encontra ecos em casas senhoriais. Exemplos disso mesmo são a Casa de Vinhais, a Casa de S. Sebastião, a Casa do Vinhal, a Casa dos Pizarro Monteiro,

e a Casa dos Coelho. Outro exemplo é o aqueduto do Mosteiro de Santa Clara, que se distende por cerca de 8km, e cuja construção terminou em 1715. É mais um período de substituição de edificado, do que de expansão da malha urbana.

Novas alterações urbanísticas significativas ocorreram somente no século XX.

Esse novo movimento ganhou expressão em Vila do Conde, muito por culpa da "descoberta" dos benefícios da praia, que deu origem ao bairro balnear e à abertura de um conjunto de arruamentos em direção ao mar. Em Vila do Conde, a expansão urbana ainda hoje está muito dependente destes novos eixos rasgadas, na sua maioria de nascente para poente.

**Bibliografia:**


ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A Romanização no Concelho de Vila do Conde, in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 1995, 51-72;

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - A rede viária pré-jacobeia no Minho litoral, in Caminho Português da Costa. Estudos, Viana do Castelo, 2017, 7-25.

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - A Necrópole Galaico-Romana de Vila do Conde, in Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série de História, Vol.II, Porto, 1973;

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de; BARROCA, Mário - História da Arte em Portugal - O Gótico, Lisboa, 2002;

ALMEIDA, Pedro Miguel D. Brochado de - O Sistema defensivo de Vila do Conde (século XVI a XIX), in Encontros do Património- Vila do conde, Vila do Conde, 2003, 163-169;

BARROCA, Mário Jorge - Necrópoles e sepulturas medievais de entre Douro e Minho, policopiado, FLUP, 1987;

CAPELA, José Viriato - As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758, Braga, 2009;

CORREIA, Vergílio - Três túmulos, Lisboa, 1924;

DIAS, Pedro - Manuelino. À Descoberta da Arte do Tempo de D. Manuel I, Lisboa, 2002;

DIAS, Pedro - A arquitectura manuelina, Vila Nova de Gaia, 2009

FERREIRA, J. Augusto, Vila do Conde e seu alfoz. Origens e Monumentos, Porto, 1923;

FREITAS, Eugénio da Cunha e - Artes e artistas em Vila do Conde, in Museu, 2ª série, nº4, Porto, 1962;

FREITAS, Eugénio da Cunha et alii - Roteiro Arqueológico Entre Douro e Cávado, in Lucerna, Vol. III, Porto, 1963, 285-288;

FREITAS, Eugénio da Cunha - Vila do Conde. 2. História e Património, Cadernos, Vila do Conde, 2001;

GONÇALVES, Flávio - A talha no concelho de Vila do Conde. Catálogo de Exposição, Vila do Conde, 1978;

GUIMARÃES, Bertino D. R. S., CUNHA E FREITAS, Eugénio A., NEVES, Serafim G., Azurara. Subsídios para a sua monografia, Porto, 1948;

GUIMARÃES, Bertino D. R. S., CUNHA E FREITAS, Eugénio A., Subsídios para uma monografia de Vila do Conde, Porto, 1953.

LACERDA, Aarão - História da Arte em Portugal, Porto, 1942;

MIRANDA, Marta - Vila do Conde, Editorial Presença, Lisboa, 1998;

NEVES, Joaquim Pacheco - Vila do Conde, Vila do Conde, 1991;

MONTEIRO, Manuel - Os túmulos dos fundadores do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, in Arte, Ano V, Porto, 1909;

MATTOS, Armando de - Uma Abadessa Clarista de Vila-de-Conde, in O Tripeiro, V série, Ano I, nº 03, Porto, 1945, 57-58;

MOREIRA, Rafael - A Arquitectura Militar, in História da Arte em Portugal, Vol. VII, Lisboa, pág. 137-151.

PEIXOTO, Rocha - O saque de um convento, in O Primeiro de Janeiro, de 21/2 de 1903;

POLÓNIA, Amélia - Vila do Conde. Um porto nortenho na expansão ultramarina quinhentista, Tese de Doutoramento apresentada na FLUP, Vols. I e II, Policopiado, Porto, 1999.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, 2ª edição, Paços de Ferreira, 2007, pág. 133;

VIEIRA, José Augusto - O Minho Pitoresco, Lisboa, 1887.

**Freguesia: Vilar**

**Referência: 29**

| | Designação | Localização | Tipo |
|---|---|---|---|
| 29.1 | Mámua de Vilar | Soutelo | A |
| 29.2 | Habitat de época romana/ Estela funerária | Igreja | B |
| 29.3 | Topónimos Megalíticos | Campos das Antas<br>Agra de Sob Antas<br>Leira das Mamoas | D |



**Coordenadas:** X: -46597, Y: 179593 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/2 000

**Designação:** Mámua de Vilar **Ref.29.1**

**Tipo:** A

**Localização:** **Vilar** – Lugar: Soutelo

**Cronologia:** Pré-Histórico Recente

**Vestígio:**

Mámua de Vilar.

A mamoa da Ínsua está situada no lugar de Real, na periferia do canal do Metro, a uma centena de metros a nascente da antiga estação do Caminho de Ferro de Modivas. Está situada no meio de um terreno agrícola, num pequeno montículo coberto a carvalhal. Trata-se de uma mamoa de grandes dimensões, com cerca de 25m de diâmetro e 2,5m de altura.

Foi escavada em 1952 por Elísero Pinto, o qual recolheu um conjunto de peças que a seguir se enumeram: um braçal de arqueiro em xisto; uma ponta de cobre do "tipo Palmela", vários seixos rolados e alguns cristais de quartzo.

Mais recentemente foi objeto de uma outra intervenção arqueológica realizada por uma equipa da Prof. Doutora Maria de Jesus Sanches, da Faculdade de Letras Universidade do Porto. Dessa intervenção ficou-nos a certeza que a mamoa que rodeia a câmara funerária era constituída por camadas de saibro amontoadas, sem indícios de ter integrado pedra.

O espólio da primeira intervenção pertenceu à Cooperativa Agrícola de Vila do Conde, que posteriormente o integrou no Gabinete de Arqueologia Municipal.

**Material:**

A escavação deu o seguinte material:
1 braçal de arqueiro em xisto
1 ponta de cobre “tipo Palmela”
Seixos rolados
Cristais de quartzo hialino

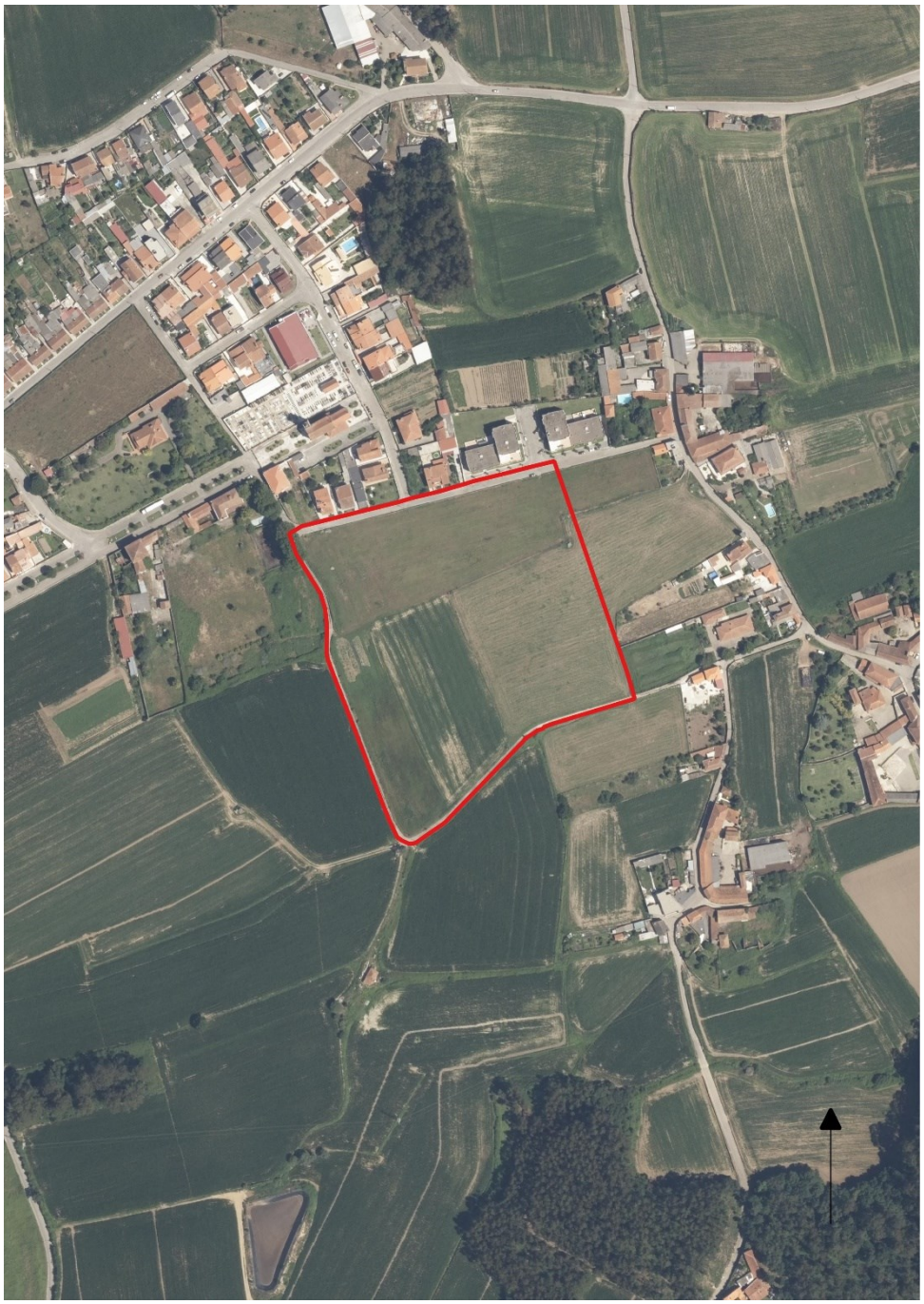
**Coleção:**

Cooperativa Agrícola de Vila do Conde.

**Bibliografia:**

JORGE, Vitor Oliveira - Megalitismo do Norte de Portugal: O Distrito do Porto, Tese doutoramento, policopiado, FLUP, 1982, 491-492.

TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. Cândido et alli- *Carta Geológica Portugal, Notícia Explicativa da Folha 9- A* de, Lisboa, 1965, 45-46.



**Coordenadas:** X: -44882, Y: 179881 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/3 000

**Designação:** Habitat de época romana/ Estela funerária **Ref.29.2**

**Tipo:** B

**Localização:** **Vilar** – Lugar: Igreja

**Cronologia:** Período Romano

**CNS:** 26435, 26436 e 20850

**Vestígio:**

Habitat de época romana/ Estela funerária.

A igreja que o abade de Vilar relatou para as Memórias Paroquiais de 1758 já não existe, porque em sua substituição foi feita uma outra que ostenta sobre a porta principal a data de 1902.

Tal com a anterior é uma construção de uma só nave, localizada no interior de um adro murado, tendo a norte o cemitério paroquial. Do lado meridional está a sacristia e adossado à pilastra setentrional foi encostada a torre sineira. Foi precisamente a leste e sul da igreja que apareceram mós manuais, tégulas e sigillata clara D, isto é, vestígios de uma ocupação tardo- romana.

A dificuldade está em saber se eles provêm de um simples casal (aedificae) mesmo que abastado, ou de algo mais vasto como uma villa.

Na parede sul da igreja paroquial há uma estela funerária decorada com um tríscele e restos de uma inscrição ilegível devido ao desgaste.

**Material:**

Tégula, *sigillata* clara D, cerâmica comum e mó manual. Estela funerária.

**Bibliografia:**

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de- *A Romanização das Terras da Maia*, Maia, 1969, p. 37.



**Coordenadas:** X: -44882, Y: 179881 (ETRS89 Transverser Mercator) **Escala:** 1/4 000

**Designação:** Topónimos Megalíticos **Ref.29.3**

**Tipo:** D

**Localização:** **Vilar** – Lugar: Campos das Antas, Agra de Sob Antas, Leira das Mamoas

**Cronologia:** Pré-História Recente
**Vestígio:**

Topónimos, localizados na mesma área, que indiciam a presença de antas ou mamoas.